

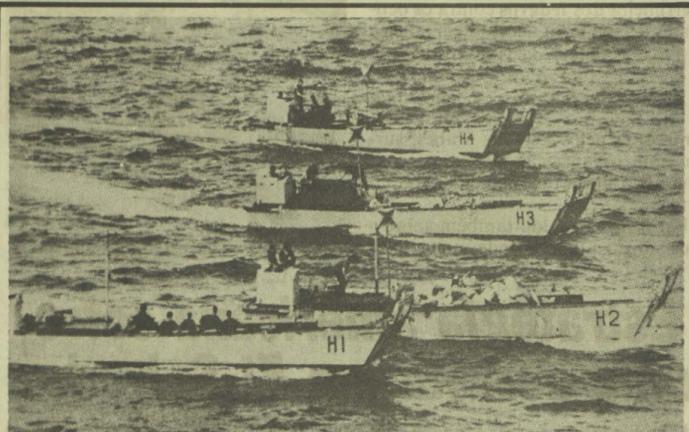
Imperialismo fatura com o aumento da luz



Quem fica com o dinheiro da sua conta de luz, que acaba de encarecer 24%? São os bancos estrangeiros, em primeiro lugar o *Bank of America*. A Eletrobrás deve a eles 10 bilhões de dólares, graças à política vende-pátria do governo. Foram os banqueiros imperialistas que impuseram o aumento, para garantir seus lucros, apesar de haver energia elétrica sobrando no Brasil. Página 3.

Nossa classe ganha força neste 1.º de Maio

Os operários já são a maior classe social do país. Página 5



As lanchas-desembarque inglesas: patrulham, mas não desembarcam

Guerra das Malvinas é para inglês ver

Na Argentina o povo começa a perceber que foi logrado. Pág. 2

Um ano de impunidade dos terroristas do Riocentro

Há um ano atrás, no dia 30 de abril, uma bomba abalou o país. Realizava-se o Show do 1.º de Maio no Riocentro com vinte mil pessoas, quando um Puma de chapa fria, no estacionamento, explodiu. Dois militares ligados ao Doi-Codi, com a tarefa de causar pânico no show, por descuido deixaram um projétil explodir no carro. O sargento Guilherme Pereira do Rosário morreu na hora; e o capitão Wilson Luiz Chaves Machado ficou gravemente ferido. Neste incidente ficou evidenciada a ligação dos órgãos militares com o terrorismo.

O próprio comandante do 1.º Exército declara que os dois militares estavam em missão oficial. O Coronel Luis Antonio, primeiro encarregado do IPM que apura os responsáveis pela explosão, é substituído pelo coronel Job Lorena e o IPM conclui que os militares foram "vítimas de inominável atentado". Os assassinos passaram por vítimas e até mesmo por heróis. O Ministro do Supremo Tribunal Militar Júlio Bierembach disse que o IPM "foi montado para que a verdade não flutuasse" e pede abertura de novo inquérito, o que foi rejeitado. O



Este jornal sai 368 dias após a bomba no Riocentro; 615 dias após assassinar D. Lyda. Os terroristas continuam impunes

capitão Wilson saiu do hospital e voltou a ativa. O terrorismo anda a solta e é acobertado pelo governo militar.

EDITORIAL

Campanha de mentiras

O general Figueiredo continua em plena campanha eleitoral em favor do PDS. No dia 28, em visita ao Rio Grande do Sul, o general fez tudo para agradar. Não conseguiu, mas revelou um pouco mais sobre suas idéias autoritárias.

Figueiredo anunciou que ainda pode fazer novas mudanças eleitorais. E disse que não é "tão imbecil a ponto de mandar para o Congresso um projeto que pudesse favorecer as oposições." Ou seja, em vez de garantir a lisura das eleições, o presidente procura antes de tudo prejudicar as oposições. E os pacotes e casuísticos mostram claramente que o único beneficiado pelas mudanças eleitorais é o PDS. Em vez de representante da República, Figueiredo comportase na verdade como presidente do grupo que monopoliza o poder.

Reconhecendo a sua incompetência para resolver os graves problemas do país, o general demagogicamente pediu que "quem tiver soluções venha para o meu lado." Mas afinal quem é responsável para elaborar uma política que resolva as dificuldades do país? Será o governo ou será a oposição, vítima de perseguições de todo tipo porque denuncia o falso caminho tomado pelos donos do poder?

A oposição tem propostas, e muito concretas, para sair da crise atual.

E o general sabe muito bem disto, ainda mais que trabalhou tanto tempo no SNI. Quando ele fala "venha para o meu lado", está subentendido "desde que abandone as suas propostas e se submetta às minhas." Isto porque a luta fundamental da oposição é exatamente pelo fim do regime de arbítrio e de entreguismo, implantado a ferro e fogo no país pelas Forças Armadas. E como o próprio presidente reconhece, seu governo revelou-se incapaz de dirigir o país. Não teria portanto nenhum sentido

os opositoristas passarem para o lado dos generais.

O general Figueiredo, com seus discursos, ameaçadores num dia e demagógicos em outro, pretende impedir que a campanha eleitoral sirva para elevar o nível de consciência do povo. E a oposição conseqüente, por outro lado, quer fazer uma campanha de esclarecimento e de organização popular. A batalha eleitoral faz parte, e com grande destaque este ano, da luta para construir um novo governo, representativo das forças democráticas e da unidade popular. A conquista deste governo e a convocação de uma Assembléia Constituinte livremente eleita depende fundamentalmente de energias ações de massas. Uma campanha eleitoral combativa pode ser um importante instrumento para mobilizar grandes massas em torno destes objetivos.

Ainda no discurso do dia 28, o general quis justificar o desemprego no Brasil alegando que nos Estados Unidos existem 3 milhões sem emprego e aqui "não atingimos ainda os dois milhões". Parece que o presidente não estuda os problemas antes de fazer seus discursos. Basta ler os jornais para saber que nos Estados Unidos o desemprego já atinge a casa dos 9 milhões. E que no Brasil, contando com os subempregados, o número já é superior a 10 milhões. Mas uma coisa não justifica a outra.

O desemprego tão grande, mesmo nos países altamente industrializados, mostra que o capitalismo é um sistema em putrefação em todo o mundo. O proletariado, como destacamento mais conseqüente da oposição, considera que a crise no país faz parte da crise geral do capitalismo. E que a luta contra o regime militar é um objeto imediato para abrir o caminho de transformações mais profundas, rumo ao socialismo.



Metalúrgicos de Niterói em greve

Piquetes pararam os estaleiros exigindo aumento. Pág. 5

Ratos atacam o povo pobre da periferia

Leia na última página



Os cangaceiros confeccionados pela TV Globo

Cangaço da Globo não convence

Lampião e Maria Bonita na TV. Pág. 7



Os prós e os contras do campeão do Brasil

Na Taça de Ouro venceu um futebol bonito e de alta qualidade. Mas nem tudo que caracteriza o super-time do Flamengo é positivo. Comentário na pag. 7



Os cangaceiros confeccionados pela TV Globo

Cangaço da Globo não convence

Lampião e Maria Bonita na TV. Pág. 7

Guerra de palavras nas Malvinas



Fuzileiros navais britânicos ostentam força a bordo do porta-aviões Hermes, em águas das Malvinas

Nessa furiosa guerra propagandística em torno das Malvinas tudo pode acontecer, até uma guerra de verdade. Mas até agora, para cada gota de sangue derramou-se um barril de tinta de imprensa. A Inglaterra anunciou para sexta-feira o bloqueio total das ilhas. Navio ou avião que se aproximar — dizem — leva chumbo. Mas por que este estranho prazo de 48 horas entre o anúncio e o bloqueio? Dia 25, a tomada das Geórgias do pelos ingleses mais parecia combinada. Galtieri deixara apenas 40 soldados para defendê-las.

Colapso econômico acende a revolta

Depois do furor nacionalista inicial, começam a aparecer na Argentina os frutos da política vende-pátria dos generais fascistas. A queda de 6,1% no produto interno bruto agravou-se no primeiro trimestre de 82. A produção industrial per capita hoje é 20% menor que a de dez anos atrás. É o colapso da economia argentina.

A indústria automobilística oferece um retrato fiel deste colapso. A frota de veículos é bastante grande — um por cada seis habitantes. Mas com a queda do poder aquisitivo dos trabalhadores as vendas caíram de 280 mil para 179 mil unidades entre 1980 e 1981.

1982 PIOR AINDA

Dados da Associação de Fábricas de Automotores revelam uma queda ainda mais drástica no início de 1982. A Ford, que domina o mercado argentino, reduziu a produção de janeiro de 6.500 para 3.250 unidades. Em todo o setor, a

produção do mês foi um terço da de janeiro de 1981!

Com a crise, aumentou tremendamente o número de desempregados, calculado em 2 milhões. Só a indústria automobilística dispensou em 1981 26,6% do total ocupado, que em dezembro já era menor que a metade do que fora em 1974!

Quem está empregado vê seus salários tragados pela maior inflação do mundo — 140% ano a ano. Assim, o salário real do trabalhador, que já caíra 50% nos últimos seis anos, despencou mais de 18% só entre janeiro e março de 1982!

Isto, aliado a uma dívida ex-

terna de 34 bilhões de dólares, mostra que não só a Argentina vive uma das maiores crises econômicas do século como também esta crise se agravou assustadoramente este ano. Isto explica porque os protestos populares começaram a explodir, em março. E também porque o governo de Galtieri atizou a crise das Malvinas justamente agora: para tentar desviar a atenção do povo.

Mas hoje está claro que o tiro do ditador saiu pela culatra. No último dia 26, realizou-se na Praça de Maio a maior manifestação contra o regime, desde o golpe militar de 1976. Cerca de 20 mil pessoas, convocadas pela CGT, avançaram sobre a Casa Rosada, sede do governo, aos gritos de: "Apoiamos as Malvinas mas não a ditadura", "Galtieri, Galtieri, preste muita atenção, as Malvinas argentinas são do povo de Perón" e o tradicional "Povo unido jamais será vencido".

Foi uma manifestação abertamente oposicionista, bem diferente daquela do dia 10 de abril, na mesma Praça de Maio. Outro fato importante: a polícia não teve como reprimir, revelando a debilidade extrema da ditadura. Três dias antes da ocupação das Malvinas, uma manifestação semelhante fora barbaramente reprimida, deixando um saldo de três mortos e 2500 prisões.



Fila diante do Banco Intercâmbio Regional, que quebrou com a crise

Terror e resistência na Irlanda do Norte

A Inglaterra não tem a mínima moral para se arvorar em "defensora da liberdade" na crise das Malvinas. Os 900 paraquedistas que ela acaba de mandar como reforços para o Atlântico Sul, pertencem às tropas de ocupação que há 17 anos semeiam o pânico e o terror na Irlanda do Norte. Ali prossegue, há várias gerações, a luta de libertação.

A saga da resistência irlandesa remonta à Idade Média, mas foi em 1.649 que o governante britânico Oliver Cromwell confiscou nove décimos do território irlandês e entregou tudo a colonos protestantes ingleses. Os irlandeses tornavam-se semiescravos em sua própria terra. Só na grande fome de 1846-1854, mais de um milhão de irlandeses emigraram para os EUA.

A REVOLTA PATRIÓTICA

Esta situação provocou diversas revoltas e rebeliões ao longo dos séculos. A classe dominante da ilha, formada pelos descendentes dos colonos protestantes, sempre se aliou ao imperialismo inglês. Já a grande maioria, de origem católica, passou a ver no catolicismo o símbolo da resistência nacional. Por isto, a luta anticolonial do povo irlandês muitas vezes apresentava-se sob um manto religioso.

O principal movimento anticolonialista ocorreu em 1916 e

ficou conhecido como Levante da Páscoa. Mil irlandeses, mal armados, enfrentaram heroicamente 20 mil soldados britânicos com seus canhões. Dublin, capital da Irlanda, ficou em ruínas. A maioria dos dirigentes do levante foi fuzilada.

A PÁTRIA DIVIDIDA

A partir daí Londres submeteu a ilha a um autêntico regime de terror colonial, mas sem resultado. Em 1918 foi criado o Exército Republicano Irlandês (IRA), que logo declarou guerra aos ocupantes. Depois de três anos de combates e vitórias do IRA, o governo inglês decidiu conceder autonomia à atual República da Irlanda, nos 26 condados do sul. Mas manteve sob seu domínio as seis províncias do norte, na região do Ulster.

De lá para cá o povo da Irlanda do Norte não cessou um só instante a luta contra os ocupantes e pela reunificação da pátria. Nos últimos 20 anos, a luta se intensificou a tal ponto

que o Ulster se transformou num verdadeiro barril de pólvora. Em 1965, a Inglaterra então governada pelo Partido Trabalhista — social-democrata — ocupou militarmente toda a Irlanda do Norte para deter a luta patriótica.

Mas fracassou. E agora, quando a reacionária primeira ministra britânica Margaret Thatcher ocupa o poder, o IRA desdobra sua presença em várias frentes, intensificando as ações armadas, deflagrando gigantes-

O funeral do grevista de fome Bobby Sands e o Levante da Páscoa, em 1916



cas manifestações e impressionantes greves de fome.

(Luiz Fernandes)

Representante da OLP conta como lutam os palestinos

"Por que somos acusados de terrorismo? Porque lutamos de fuzil contra tanques e aviões?" — Com este questionamento o representante da Organização de Libertação da Palestina, Farid Sawan, abriu, dia 23 em São Paulo, um ciclo de palestras sobre a crise no Oriente Médio.

Divulgar a verdade sobre a luta do povo palestino tem um papel fundamental para a OLP. O controle ianque-sionista sobre o sistema de comunicações oculta o regime opressivo de Israel e apresenta uma falsa imagem dos guerrilheiros palestinos — tratando-os de terroristas. Farid Sawan cita um exemplo recente: as tropas de Israel mataram uma criança palestina de sete anos, no dia 13, e os órgãos de comunicação não deram nenhum destaque.

Os palestinos têm mais de 40 séculos de história e já enfrentaram invasores hebreus, assírios, gregos, romanos, turcos, ingleses e, agora, israelenses. Somente de 1919 a 1948, cerca de 50 mil palestinos sacrificaram a vida em diversas rebeliões contra os ocupantes ingleses. Em 1948, lutaram de armas na mão contra a atividade opressora dos sionistas.

UNIDADE NA LUTA

Na resistência atual ao sinismo, a luta do povo palestino tomou novo impulso com a criação da OLP e do Exército de Libertação da Palestina, a 8 de maio de 1964. A primeira ação guerrilheira dos fedayns contra os ocupantes de sua terra ocorreu em janeiro de 1965. E depois da vitória israelense na guerra de 1967, a OLP deu um salto de qualidade: "Foi uma mudança total — diz Sawan — de uma burocracia controlada pelos Estados árabes, surgiu uma organização de luta e com uma plataforma de unidade de todo o povo".

Farid Sawan falou também sobre a situação do Líbano, onde se encontra

mais de meio milhão de refugiados palestinos. "Os palestinos — afirmou — têm um dever de honra para com aqueles libaneses que abriram as portas para nós. E logicamente não podem ficar de braços cruzados quando os inimigos (os sionistas e seus agentes) estão massacrando os seus amigos". Mostrou também que a situação difícil do Líbano é fruto da ação imperialista, e que já em 1958 a VII Frota americana desembarcou tropas em solo libanês para interferir num enfrentamento entre duas facções políticas locais.

O INIMIGO É COMUM

O representante da OLP no Brasil enfatizou ainda que os palestinos não estão sozinhos, "pois o inimigo é comum a todos aqueles que lutam contra a opressão, seja em El Salvador, na Guatemala ou na África do Sul". O povo palestino necessita e aceita ajuda internacional, mas Sawan faz questão de ressaltar que não aceita tropas de outros países em sua terra. "Nunca vamos querer que os soviéticos venham lutar em nosso lugar, porque a luta é nossa. Somos 150 milhões de árabes".



Farid Sawan: "Quem são os terroristas?"

Estratégia americana sofre uma derrota em El Salvador

Depois da crise das Malvinas, as grandes agências noticiosas do mundo praticamente abafaram o que aconteceu em El Salvador. E não é por esquecimento. É que a estratégia do governo americano, baseada na democracia cristã salvadoreña, foi totalmente derrotada nas eleições de 28 de março. Assim, o imperialismo tenta aproveitar o conflito no Atlântico Sul também para desviar as atenções do seu fracasso na América Central.

Desde o pleito, El Salvador vive uma polarização cada vez maior. Os partidos da extrema-direita e juntaram e tomaram conta da Assembléia Constituinte de opereta formada no país. Em protesto, os democratas-cristãos abandonaram a Assembléia, criticando o sectarismo de seus colegas fascistas.

Ainda mais vergonhoso é o papel da embaixada americana, que articula abertamente as negociações para for-

mar o governo de El Salvador. A embaixada chegou até a distribuir a cada partido uma carta com os "quatro pontos fundamentais (dos ianques) para estruturação de um governo de coalisão". A principal exigência americana é a participação da democracia cristã.

UM ASSASSINO NO PODER

Tudo indica, porém, que a pressão americana não vai funcionar. O poder no novo governo deverá ficar mesmo com o major Roberto D'Albuisson, descrito pelo ex-embaixador Robert Wite como um "assassino patológico".

Enquanto isso a guerra revolucionária prossegue, com intensos combates em todo o país. Nos dias 26 e 27, uma ofensiva das tropas governistas para desalojar os guerrilheiros da FMLN do departamento de Morazán foi mais uma vez derrotada, após 48 horas de intensos combates.

EUA fincam mais suas garras na Guatemala e em Honduras

O governo de Ronald Reagan decidiu voltar a fornecer armamentos à ditadura militar da Guatemala, informou dia 26 o jornal New York Times. O argumento americano é que o general Efraim Rios Montt, dono do poder desde a quartelada de 23 de março, teria tomado "medidas positivas" em matéria de direitos humanos. Reagan fornecerá imediatamente 4 milhões de dólares em peças de reposição para helicópteros, e a seguir 250 mil dólares para treinamento das Forças Armadas guatemaltecas.

Dois dias antes, funcionários do cemitério guatemalteco de La Verbená haviam informado que em 1981 foram enterrados ali 596 corpos não identificados, "baleados por pessoas desconhecidas" — isto é, pelos grupos pára-militares fascistas que estão à solta no país. Nos quatro primeiros meses de 1982 foram enterrados mais 144 corpos nas mesmas condições. Talvez

seja esta a "melhora" que Reagan enxergou: em 1981 foram em média 49 assassinatos por mês, e neste ano são "apenas" 36.

BASE IANQUE EM HONDURAS

Em Honduras, os Estados Unidos estão negociando com o regime do general Policarpo a instalação de uma base aérea americana nesse país. A iniciativa incluiria "melhoras modestas em alguns campos de pouso", para uso dos aviões ianques, segundo noticiou Francis West, secretário-assistente do Pentágono. Esta seria a terceira base dos EUA na América Central, somando-se às do Canal do Panamá e do Guantánamo, em Cuba. E segundo denúncia de um recente panfleto da oposição hondurenha, já se encontram no país 90 assessores militares norte-americanos, junto com outros 50 argentinos e chilenos.

Tribuna Operária

Endereço:
Travessa Brigadeiro
Luis Antônio, 53 - Bela
Vista - São Paulo,
CEP 01318.
Telefone:
36-7531 (DDD 011)
Telex:
01132133 TLOP BR

Jornalista responsável:
Pedro Oliveira

Conselho de Direção:
Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olivia Rangel.

Sucursais:
Acre: Rua Belém, 91, Estação Experimental, Rio Branco - CEP 69900. Amazonas: Rua Simon Bolívar, 231-A, Pça. da Saúde, Caixa Postal 1439, Manaus - CEP 69000. Pará: Rua Aristides Lobo, 620 - Centro - Belém - CEP 66000. Maranhão: Rua 7 de Setembro, 375 - Centro São Luiz - CEP 65000. Piauí: Rua David Caldas, 374 - sala 306 - Sul - Teresina

CEP 64000. Ceará: Rua do Rosário, 313 - sala 206 - Fortaleza - CEP 70000. Paraíba: Rua Padre Meira, 30 - sala 108 - Centro - João Pessoa - CEP 58000 - Rua Venâncio Neiva, 318 - 1º andar - Campina Grande - CEP 58100. Pernambuco: Rua 7 de Setembro, 42 - 7º andar - sala 707 - Boa Vista - Recife - CEP 50000. Alagoas: Rua Cincinato Pinto, 183 - Maracajá - Centro - CEP 57000. Sergipe: Rua João Pessoa, 299 - sala 28 - Aracaju - CEP 49000. Bahia: Rua Senador Costa Pinto, 845 - Centro - Salvador - CEP 40000. Av. Gelúlio Vargas, 260 - sala 101 - Feira de Santana - CEP 44100. Rua Corpo Santo, 32 - Bairro dos 46 - Camaçari - CEP 42800. Minas Gerais: Rua da Bahia, 573 - sala 904 - Centro - Belo Horizonte - Tel. 224-7605 - CEP 30000. Rua do Contorno Rodoviário, 345/355 - Contagem - CEP 32000. Gálgria: Rua Constantina Valadares - 3º andar - sala 411 - Juiz de Fora - CEP 36100. Goiás: Av. Goiás, 657 - sala 209 - Centro - Goiânia - CEP 74000 - Tel. 225-6689. Distrito Fe-

ASSINE A TRIBUNA OPERÁRIA!

Receba em casa, semanalmente, o seu jornal e ajude com sua assinatura a sustentar esta Tribuna a serviço do presente e do futuro do trabalhador!

Desejo receber em casa a Tribuna. Envio anexo cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., Travessa Brigadeiro Luis Antônio, 53 - Bela Vista - São Paulo, SP - CEP 01318.

De apoio Anual (52 ed.) Cr\$ 4.000,00

Comum Anual (52 ed.) Cr\$ 2.000,00

semestral (26 ed.) Cr\$ 2.000,00

semestral (26 ed.) Cr\$ 1.000,00

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____

CEP: _____

Fone: _____

Data: _____

Profissão: _____

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Aumento da luz vai para bancos americanos

Um presente do governo para os trabalhadores no dia 1º de maio. A conta de luz sobe mais 24%. Só nos primeiros meses de 1982 já dá um aumento de 44%. O governo diz que as altas tarifas são exigências dos banqueiros internacionais. A que ponto chegamos! Nem o preço da luz é resolvido no Brasil.

Os ministros vivem dando declarações sobre a luta contra a inflação. Mas o governo é o primeiro a dar o mau exemplo. Os preços dos serviços públicos (água, luz, transportes, lixo), são reajustados bem acima da inflação. A energia elétrica é um triste exemplo. Só no ano passado os reajustes somaram 143%, para uma inflação oficial de 98%.

preço não cai? Por que o governo não favorece assalariado e abaixa o preço da energia elétrica, além de ajudar no combate à inflação? Ai é que está o nó da questão. A energia elétrica é um retrato do Brasil dos nossos dias.

Bancos estrangeiros controlam as contas

A energia elétrica no Brasil é um truste do estado. A empresa Eletrobrás, através de suas empresas coligadas e controladas, movimentou 3 trilhões de cruzeiros em 1981. Nosso país está entre os 10 maiores produtores de energia elétrica do mundo. Ao mesmo tempo, todo esse enorme sistema está profundamente endividado. É um dos setes que mais pesa na dívida externa brasileira.

No dia 20 de abril a Eletrobrás publicou seu Relatório 1981. — é um documento importante para se estudar a economia brasileira e a situação a que chegamos.

O capital próprio do grupo Eletrobrás assume a quantia de 872 bilhões de cruzeiros em dezembro de 1981. É tanto dinheiro que corresponde aproximadamente ao valor dos salários que os trabalhadores da indústria em todo o Brasil ganham por um ano de serviço. Mas a sua dívida a longo prazo, com os banqueiros estrangeiros é muito maior, passa de um trilhão de cruzeiros. Na verdade são eles que controlam a energia elétrica no Brasil. É uma traição nacional permitir que o setor tão estratégico caia na mão de estrangeiros.

Nessa enorme dívida, a participação dos banqueiros norte-americanos é predominante, equivale a cerca de 400 bilhões de cruzeiro (40%). Apenas um banco norte-americano, o Bank of America — o



maior do mundo — emprestou para o sistema Eletrobrás 97 bilhões de cruzeiros. É o seu maior credor.

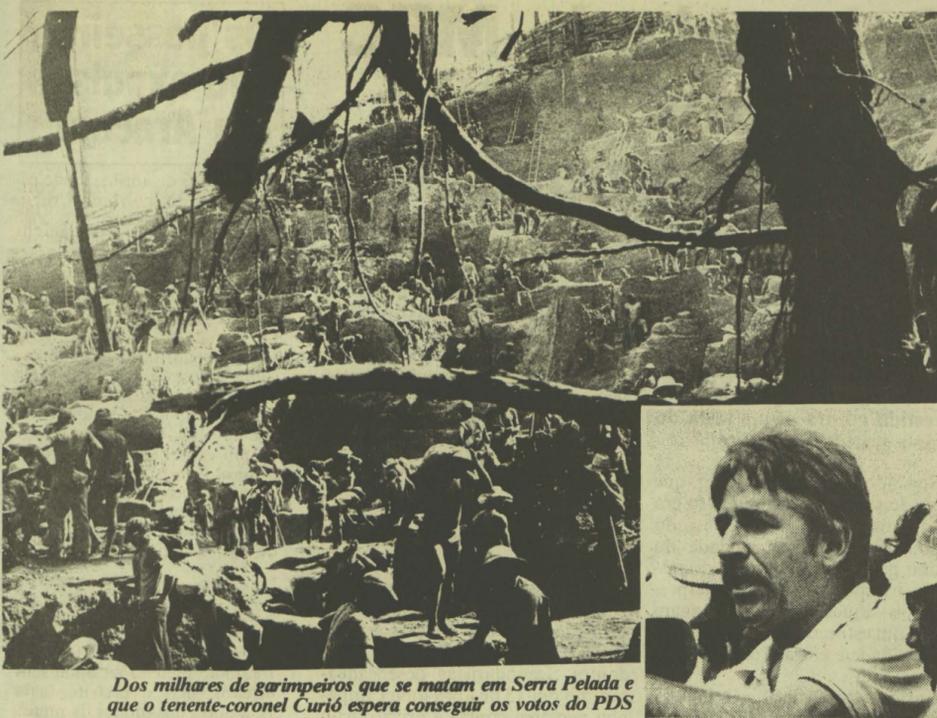
Ameaças para os desobedientes

As leis do capitalismo são violentas. Uma empresa tão endividada tem que fazer as vontades dos credores. Quem representa os banqueiros é o Banco Mundial, e é ele que exige tarifas altas de energia elétrica para garantir o pagamento dos juros e das prestações da dívida.

O diretor do Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica, Osvaldo Baungarten, declarou à imprensa, no dia 21 de abril, que o aumento das tarifas de energia elétrica acima da inflação era uma exigência do Banco Mundial. Na verdade, não é apenas uma exigência, é uma chantagem. Os banqueiros ameaçam com o corte dos créditos se não forem obedecidos.

O que mais revolta aos patriotas é que essa situação se repete nos mais variados setores: telecomunicações, transportes, minérios. A dívida externa governa o país e dispara a inflação.

(Luiz Gonzaga)



Dos milhares de garimpeiros que se matam em Serra Pelada e que o tenente-coronel Curió espera conseguir os votos do PDS



André Durak

Curió desafina na campanha

No dia 21 de abril foi reaberto o garimpo da Serra Pelada, no Pará, que estava em obras há meses. A solenidade de abertura virou comício eleitoral do tenente-coronel Sebastião Rodrigues de Moura, o sinistro Curió, que é candidato do PDS à Câmara Federal.

Com o apoio do governo, Curió espera extrair de Serra Pelada, além do ouro, os votos dos 35 mil garimpeiros. Quem quiser tirar carteira de garimpo é obrigado a apresentar o título de eleitor e se predispor a ajudar o PDS. Já no Rio de Janeiro o governo manda prender o Major Paulo Ramos por este fazer campanha eleitoral — o Major é do PMDB!

Membro do Conselho de Segurança Nacional, Curió atua no sul do Pará há cerca de 10 anos. Sua atividade é meramente repressora. Foi ele quem coordenou o ataque aos camponeses da região entre 1972 e 1975, no que ficou conhecido como a Resistência do Araguaia. Atualmente Curió faz de tudo para incriminar e levar para a cadeia os padres Camio e Gouriou, além de 13 posseiros, acusando-os, sem provas, de terem arquitetado a emboscada aos jagunços. E há pouco tempo

atrás ele foi especialmente enviado ao Rio Grande do Sul para reprimir os colonos sem terra de Ronda Alta. Não obteve sucesso, voltando da região derrotado.

TAMANDUÁ BANDEIRA

Mas Curió não é um agente qualquer da repressão. É uma verdadeira raposa. Dá pancadas, mas costuma falar macio. Na sua campanha eleitoral, ele está dizendo que, se eleito, vai ajudar os lavradores da região. Até críticas à miséria e exploração ele tem feito. Tanto que os lavradores já lhe deram um novo apelido, o de Curió Bandeira, numa referência irônica ao abraço mortal do Tamanduá Bandeira.

Em Marabá, para ganhar a simpatia dos moradores ele anunciou, por exemplo, que iria afastar o prefeito corrupto do PDS, Samuel Monção, acabando com a dominação da desgastada oligarquia dos Mutran na cidade. Logo voltou atrás. E que sua farsa de justiça esbarrou nas malhas sujas do PDS. O prefeito foi indicado pelo coronel Passariño e seu afastamento levaria à bancarrota o PDS local.

COLAR CARTAZES

Mas o canto do Curió não engana mais. Segundo um garimpeiro, "Curió só terá voto na Serra Pelada se ele trouxer sua mulher para cá e ela for muito amiga dele. Dos garimpeiros é que ele não tira voto". Há grande insatisfação em Serra Pelada — onde Curió é o coordenador — com sua atuação, já que as arbitrariedades com os trabalhadores são inúmeras. Serra pelada mais se parece um campo de concentração nazista. Como comentou outro garimpeiro, "ele, para se passar por bonzinho, vive condenando as injustiças no garimpo. Mas é só em palavras. Medidas concretas até hoje Curió nunca tomou".

Começam a ganhar prestígio em Serra Pelada as candidaturas de pessoas mais ligadas às lutas e aspirações do povo. Recentemente, segundo comentou à Tribuna um velho garimpeiro, foi afixado um cartaz do candidato popular do PMDB, Ademar Andrade, na porta da Coordenação do garimpo. À noite a Polícia Federal o rasgou. Mas pela manhã foram colados outros 12 cartazes. E a oposição, que há muito não estava estruturada na região, intensifica seu trabalho. No dia 28 de março o advogado Paulo Fonteles, que é candidato a Deputado Estadual, fez uma reunião com mais de 150 populares de Marabá. (Newton Miranda)

Capitalistas têm facilidades e descontos

Mas não são todos que pagarão energia tão cara. No dia 27 de abril Figueiredo baixou um decreto dando grandes descontos para as indústrias. As reduções nas tarifas industriais são tão grandes que em alguns casos chegam a 50%. Ou seja a conta de luz de algumas grandes empresas vai cair pela metade. E isso para não falar de todos os favores que os grandes capitalistas internacionais recebem. Um dos casos mais recentes é o do grupo Alcoa-Shell que produz alumínio na Amazônia e tem um desconto de 20% nas tarifas de energia elétrica — além de outras vantagens.

Mas tem uma coisa que não dá para entender. Todo mundo sabe que está sobrando energia elétrica no Brasil. Os engenheiros, ministros e políticos estão de acordo nesse ponto. A recessão que começou em 1981 trouxe uma queda no consumo de energia elétrica. Enquanto isso o governo estava construindo a todo vapor um grande número de usinas — principalmente Itaipu. E hoje está sobrando energia. Como é que o

PDS manobra para aprovar o novo prefeito de São Paulo

Numa jogada típica do governador Maluf, a Assembléia Legislativa de São Paulo foi ludibriada pelo PDS, e o biônico Reynaldo de Barros foi substituído pelo biônico Salim Curiatti, na prefeitura da capital do Estado.

O presidente da Assembléia colocou o nome de Curiatti em votação sem que houvesse quórum para deliberar, e deu a nomeação por aprovada antes que a oposição pudesse se manifestar. Sobre o assunto, a Tribuna ouviu o vereador Benedito Cintra, candidato a deputado estadual.

TO: O que você acha da manobra do PDS para aprovar o prefeito Curiatti?

Cintra: "Ela mostra que a decisão sobre o prefeito indicado, ou melhor, a imposição do prefeito, não depende na verdade da Assembléia. A decisão já estava tomada por Maluf."

TO: Dizem que a oposição cochilou, e assim colaborou com a manobra de Maluf. O que você acha?

Cintra: "Se cochilou ou não é um falso problema. O que o fato demonstra é que a Assembléia não tem poder real para opinar. No jogo político atual, a oposição é sufocada pelo regime, que tenta



Centenas de pessoas no lançamento da candidatura de Cintra para deputado

utilizá-la para legitimar suas imposições. A oposição é envolvida e não tem como participar efetivamente das deliberações. Mesmo assim, os parlamentares devem jogar todos os seus esforços para denunciar e impedir que Maluf e outros utilizem seus mandatos para fazer o jogo do regime. Isto exige que o povo eleja vereadores e deputados profundamente comprometidos com suas lutas. Só uma forte mobilização de massas pode forçar uma mudança significativa no conteúdo do parlamento atual."

TO: Estão a oposição não teve culpa?

Cintra: "É claro que o fato mostra também a debilidade da oposição. O papel dos parlamentares de oposição é manter permanente ligação com as massas e contribuir para

a sua mobilização como forma de impedir as manobras do governo. Como isto não foi feito, a oposição ficou à mercê do governo. Estas manobras são constantes e por isto mesmo previsíveis: só podem ser evitadas com a ampla mobilização popular. Agora todos culpam a oposição. Mas a verdade é que a decisão foi do governo, que impôs sua vontade por uma manobra suja. A oposição tem que arcar é com a responsabilidade de não ter mobilizado as massas contra a manobra."

TO: E sobre o novo prefeito biônico?

Cintra: "O papel de Curiatti, a exemplo do Reynaldo, não vai ser o de prefeito. Vai ser moleque de recados do Maluf. E como é grande a insatisfação popular e a exigência de liberdade, é muito provável que a exemplo do que já foi feito na Freguesia do Ó, nas legítimas ocupações de terrenos pelos que não tinham onde morar, e nas lutas dos funcionários públicos, ele volte a jogar a polícia para reprimir o povo. E como é norma do Maluf e seu partido, vai utilizar o aparelho governamental a serviço de grupos, e não para servir à população."

PMDB VAI RECORRER

Agora o PMDB pretende recorrer ao Judiciário contra a aprovação ilegal de Curiatti para prefeito, pois foi feita "ao arrepio do regimento interno da Assembléia Legislativa".

O apoio da burguesia ao socialismo de Lula

"A burguesia inteligente está aderindo ao socialismo de Lula", comentou o senador do PT, Evandro Carreira. Isto para justificar o abraço do ultraconservador Júlio Mesquita com Lula, em praça pública.



Mesquita e Lula no palanque

O PT organizou um grande ato para lançar a candidatura de Lula a governador de São Paulo. Mas no outro dia, o grande comentário não foi a manifestação em si, que não apresentou grandes novidades. A grande atração foi a presença de Júlio Mesquita no palanque, recebendo um forte abraço do presidente do PT.

Júlio Mesquita, o conhecido dono do jornal "O Estado de São Paulo", demitiu inclusive dirigentes sindicais, durante a greve dos jornalistas, ocorrida em 1979. Entre os sindicalistas, que tinham imunidades e portanto não podiam ser demitidos, estavam Adélia Borges, Wilson Mohedavi e Lia Ribeiro Dias.

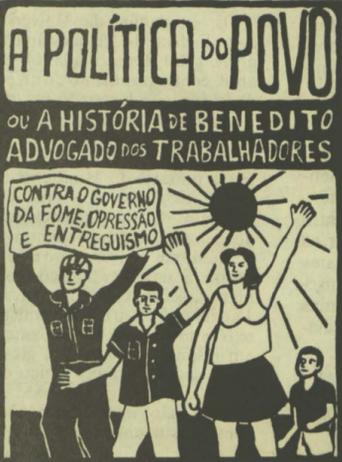
Diz Lula que convidou todos os proprietários de jornal ao lançamento de sua candidatura para que façam suas críticas com

conhecimento de causa. Estranho. Nenhum outro figurão apareceu. E por que o destaque no palanque e o abraço? E por que a Tribuna, que sempre criticou as posições social-democratas do PT, não foi convidada nem por carta, enquanto Mesquita foi convidado pessoalmente por Lula numa visita especial ao "Estadão"?

Mais do que isto, é interessante a opinião de Mesquita, que longe de criticar, disse que no seu entender "Lula foi a única coisa nova que surgiu na política brasileira nos últimos tempos."

O comentário do Senador Carreira, sobre a adesão da burguesia "inteligente" ao PT, e os acontecimentos que envolvem esse partido vão, aos poucos, dando resposta a uma outra pergunta: "Qual o papel do PT?"

Candidaturas populares têm amplo apoio em Fortaleza



Por todo o país vão aparecendo as candidaturas populares. No Ceará, no dia 23, com a presença de 1.500 pessoas foram lançadas as candidaturas de Benedito Bezerril, a deputado federal; Francisco Lopes, Raimundo da Matta e Luiz Carlos Paes, a vereadores. Esteve presente no ato o deputado operário Aurélio Peres, o deputado Paes e Andrade, e representantes de bairros populares, de colégios secundaristas e universidades e cidades do interior como Sobral, Iguatu, Novo Oriente, Cratêus, Ipuieras, Juazeiro, Crato.

A manifestação teve grande repercussão política em Fortaleza e em todo o Estado. Por seu caráter amplo e unitário, contou com a participação de diversos representantes regionais do PMDB, liderados pelo senador Mauro Benevides, candidato a governador do Estado.



Benedito Bezerril

Cintra para deputado estadual

No dia 25, na Freguesia do Ó foi feito o lançamento público da candidatura a deputado estadual de Benedito Cintra, com o apoio do deputado federal Aurélio Peres. Estiveram presentes todas as lideranças populares da área: representantes dos movimentos de favelas, sociedade de bairro, de fábrica, professores, pequenos comerciantes... O ato foi organizado pelos comitês de bairros, que se encarregaram de faixas,

barracas, ônibus pagos com a venda de rifas, etc. A novidade do ato foi uma grande caminhada "pela liberdade e pelos direitos do povo" que percorreu as ruas do bairro. A caminhada chegou a aglutinar cerca de 2.000 pessoas, na maioria trabalhadores, gente simples, moradora do bairro. No final houve um comício e depois uma festa com a participação da escola de samba Nenê da Vila Matilde.



No Sul do Pará posseiros vão à roça armados para defender suas terras

Polícia acusa advogado por choque no Araguaia

Fonteles: "Getat é culpado"

No dia 16 de abril fui procurado por um amigo que me avisou que havia explodido outro conflito de terras no sul do Pará, com mortes e feridos. E que eu estava sendo, mais uma vez, acusado de ser o mandante da "invasão" e responsabilizado pelas mortes. Não tivesse eu um alibi perfeito — estou há 45 dias em Belém — seria incriminado.

A revelação do caso suscita mais uma vez a necessidade de se expor a responsabilidade das autoridades fundiárias, particularmente do Getat.

Há dois anos atrás, em Conceição do Araguaia, a Comissão Pastoral da Terra (CPT) foi procurada por dezenas de lavradores para que eu, então advogado dessa Comissão, os defendesse num processo de reintegração de posse, que lhes era movido pelo sr. Alípio Cardoso. Passei a defendê-los, frise-se, gratuitamente. Marcada a audiência, conseguimos demonstrar que os lavradores eram legítimos possuidores da área litigiosa.

GETAT INTIMIDA

O Getat, sucessor do Inbra, insatisfeito com a decisão da Justiça, iniciou uma verdadeira campanha de intimidação dos lavradores, aterrorizando-os. Afirmava que enquanto eu estivesse à frente da causa jamais teriam suas terras legalizadas. Ao mesmo tempo apresentava-lhes o sr. Sérgio Dias Guimarães, advogado em Conceição, com notórias ligações com a Polícia Federal e com o Getat, para defendê-los na Justiça.

A verdade é que algum tempo depois fui procurado pelos mesmos lavradores, que, cabibaxios e envergonhados, vinham dizer-me que não poderiam ter a mim como advogado, nem o acompanhamento da CPT, pelas pressões que estavam sofrendo. Renunciei ao patrocínio da causa, mencionando expressamente a atividade imoral do Getat e rogando ao Juiz que mantivesse sua decisão até o final, entregando a terra aos trabalhadores.

Desde aí, a CPT e eu mantivemo-nos à distância do caso. Duas ou três semanas depois soube que houve "despejo" na área, com base noutro processo. Sabíamos que os lavradores iam sendo cada vez mais enganados e esbulhados em seus direitos. Ora levados para áreas inóspitas, verdadeiros caracais, sem água e sem estradas, assolados pela malária; ora presos e humilhados por forças policiais, à soldo da grilagem.

SANGUE NO ARAGUAIA

Agora, a morte chegou. O sangue volta a encharcar o Araguaia, atormentando famílias, agravando a tensão social. De quem é a responsabilidade? Desta vez não há Padre Aristides, nem Francisco Gouriou! Desta vez não há dr. Paulo Fonteles! A Igreja e eu fomos afastados do caso, pela prepotência do próprio Getat, há dois anos atrás.

Quem tramou a perda da terra dos seus legítimos possuidores? Quem os ludibriou, com propostas indecorosas? Quem os levou ao desespero, ao ver suas poucas posses tomadas pela pata do boi? Quem é o subversivo senão o comprometimento do Getat e das autoridades federais na área, colocada praticamente sob intervenção federal, em favor, sempre, do latifúndio, em detrimento de milhares e milhares de trabalhadores?

(Paulo Fonteles)



Fonteles e Oneide, a viúva de Gringo

O Sul do Pará vive dias de tensão. No início de abril, um grupo de 30 posseiros emboscou alguns jagunços, matando um e ferindo oito. Uma semana após, a Polícia prendeu sete lavradores acusando-os de participarem do choque (TO nº 66). E agora o advogado dos posseiros Paulo Fonteles é acusado de incentivar os lavradores à luta armada (ver box).

Quando o confronto se deu, os posseiros tentavam recuperar suas terras numa área conhecida como Fazenda Santa Cruz, próxima a Xinguara. Recentemente, haviam sido expulsos de lá por pistoleiros a mando do grileiro Alípio Cardoso, que se diz dono das terras. Alípio contou com a ajuda do Getat (Grupo Executivo de Terras do Araguaia-Tocantins) — um órgão governamental ligado ao Conselho de Segurança Nacional —, que "juridicamente" tirou os posseiros da área. Do lado dos posseiros há informações sobre quem participou da emboscada, embora a Polícia Federal acuse os posseiros da Fazenda Tupã-Ceretã.

O choque com os pistoleiros de Alípio já era previsível. O próprio Alípio costuma andar armado, provocando os posseiros. Eu o conheci quando acompanhava as eleições sindicais em Conceição do Araguaia. Eu e o advogado Paulo Fonteles fomos almoçar num restaurante da cidade e quando chegamos nos deparamos com um grupo de grileiros da região, entre eles o Alípio. Paulo sentou-se de costas para a parede, temendo qualquer agressão por parte dos grileiros. Um deles, inclusive, usava um colete à prova de balas.

Nessa época tive também a oportunidade de encontrar um posseiro, que estava escondido na casa de outro lavrador, pois fora ameaçado de morte por pistoleiros de Alípio. O posseiro abandonara a família e procurava um jeito de vender sua posse e se mudar, com medo de ser assassinado. Depois de uma reunião com a chapa de oposição, mudou de idéia e resolveu ficar e defender sua posse. (Newton Miranda)

Também na segunda-feira, o PMDB indicava o deputado gaúcho Jorge Uequed para presidir a comissão mista que examinará o Pacote da Previdência (o relator será o deputado, que é também presidente do Comitê Nacional em Defesa dos Aposentados na Câmara.

PACOTE CONTRA PACOTE

Uequed considera que "este debate do Pacote da Previdência é um debate muito sério, sério demais para poder ser resolvido por tecnocratas. Trata-se de um decreto insensível e cruel, e o Parlamento não tem o direito de dar-lhe o seu aval, e menos ainda por decurso de prazo. Será preciso ouvir o povo e suas associações, juristas — para esclarecer sobre a legalidade ou não do Decreto, e pedir esclarecimentos dos ex-ministros e do atual ministro da Previdência".

O deputado lembra que a oposição já conseguiu derrubar dois decretos do gênero, recentemente, e resalta a importância decisiva do apoio parlamentar e da participação direta do povo trabalhador na batalha que se inicia. O plano de resistência ao Decreto inclui a coleta de um abaixo-assinado-monstro, com 2 milhões de assinaturas, um "Pacote do Povo" para se opor ao Pacote antipopular. E compreende também a entrega de um "Diploma de Iimigo dos Aposentados", que será entregue a todos os deputados que não comparecerem às votações.

RESPOSTA VIRÁ DIA 15

Quanto à repercussão da reforma previdenciária nas eleições gaúchas, Jorge Uequed comenta: "Os aposentados e trabalhadores com quem tenho conversado têm uma só reação: em 15 de novembro nós responderemos".

Delegada do MEC diz que "escola é uma empresa"

O general Rubem Ludwig, Ministro da Educação e Cultura, declarou em Brasília, no dia 22, que "a manutenção de uma fantástica rede de 34 universidades gratuitas é uma atitude inconstitucional e antipedagógica". O governo planeja nova investida contra o que resta do ensino gratuito.

Segundo o general Ludwig, que antes de ser nomeado ministro, era ligado aos órgãos de segurança do regime militar, "a gratuidade do ensino gera uma atitude de desprezo, irresponsabilidade e desprezo, pois aqueles que não pagam fazem um esforço para entrarem na universidade e entram em greve no dia seguinte".

Carlos Alberto de Oliveira, presidente da União Estadual dos Estudantes de São Paulo, rechaça a afirmação: "O que o general não diz é que os estudantes entram em greve como último recurso em defesa da gratuidade do ensino. E que os verdadeiros irresponsáveis são os que tentam destruir as universidades mantidas pelo Estado, que é uma conquista popular". E Carlião, como é mais conhecido, completa: "O descaso do MEC atinge também os estudantes das escolas particulares, que hoje representam

cerca de 80% do total de universitários no país".

O general Ludwig já anunciou que pretende liberar o preço da anuidade de acordo com o interesse dos empresários da educação. A própria delegada do MEC em São Paulo, Dalva Assumpção Souto Mayor, afirmou recentemente que "em minha opinião, a escola é uma empresa como outra qualquer e o ensino que ela dá ao aluno é um produto como outro qualquer".

CAMPANHA AMPLA

A União Nacional dos Estudantes, a Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior, a Confederação dos Professores do Brasil e a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas, desencadearam no dia 13 de abril uma campanha nacional contra a privatização do ensino e em defesa do ensino gratuito como um direito de todos e um dever do Estado.

Francisco Javier Alfaya, presidente da UNE, afirma que "defender o ensino público e gratuito significa defender uma conquista do povo brasileiro que a ditadura militar não vai nos roubar. A unidade dos estudantes e de toda a comunidade universitária nos dá certeza que mais uma vez o autoritarismo será derrotado".



Até helicóptero a polícia usou contra os posseiros urbanos de Goiânia

Polícia investe contra os posseiros urbanos de Goiás

Policiais militares e fiscais da prefeitura de Goiânia derrubaram no último dia 22, cerca de 20 barracos de posseiros urbanos em uma área abandonada. Para a ação selvagem foi utilizado até o helicóptero da Polícia Militar, doado pelo governador Ary Valadão, do PDS.

O próprio comandante da PM, coronel do Exército Aníbal Coutinho, participou da violência contra os posseiros urbanos, sendo o copiloto do helicóptero. O aparelho fez vôos rasantes sobre os frágeis barracos, enquanto suas paredes — de tijolo, táboas ou papelão —, desmoronavam, os posseiros — adultos e crianças — corriam para resguardar suas vidas e tropeçavam nas cercas de arame utilizadas como demarcação dos lotes, deixando ali o próprio sangue.

No dia 23, a Comissão Justiça e Paz divulgou energético protesto contra a ação dos policiais a mando do governo. Na nota, a Comissão lembra que, num ano eleitoral, os

detentores do poder gostam de fazer propaganda dizendo que no Brasil "todos são livres; não há muro da vergonha, nem paredão; há liberdade de religião, de pensamento, de organização". Mas de fato, a liberdade que se vê é de uns poucos explorarem a imensa maioria da população.

CONTRA O POVO

A polícia militar goiana está se notabilizando pelas ferozes investidas contra o povo, principalmente, posseiros urbanos. Há dois anos cerca de 25 mil famílias se apossaram de uma área desabitada e logo, a pedido da prefeitura, foram escoraçados pela PM. Apesar dos espancamentos, resistiram e conquistaram a área. Depois, há cerca de um ano, mais de 50 famílias pobres ocuparam outra área desabitada e foram massacradas pela Polícia. Um padre foi espancado quando celebrava uma missa e um advogado, de tanto ser espancado, teve que ir para uma Casa de Terapia Intensiva hospitalar.

(da sucursal)

Baianos querem mobilização contra violência policial

A necessidade da mobilização crescente da população no combate à violência policial foi a principal resolução do seminário "A próxima vítima pode ser você" realizado nos dias 23 e 24 de abril em Salvador, Bahia.

No seminário foram discutidas e analisadas as verdadeiras causas da violência policial que se alastra no país. Só em Salvador, no início do ano, em menos de um mês a repressão policial causou cinco vítimas fatais inocentes. A violência se manifesta das mais diversas formas: detenção arbitrária "para averiguações", invasões policiais a locais de moradia e de concentração popular, humilhações e torturas de simples suspeitos e presos, eliminações sumárias nos porões das delegacias e presídios.

As vítimas principais tem sido sempre os trabalhadores, os desempregados, os negros, as prostitutas, os homossexuais, enfim os setores mais marginalizados e discriminados da sociedade.

A situação dos policiais também foi analisada. São em sua maioria gente simples, mal-preparada, mal-remunerada, usada como elementos de repressão a serviço dos detentores do poder. Os poderosos usam a polícia para conter e impedir as crescentes manifestações populares de descontentamento face à miséria, ao desemprego, às péssimas condições de vida, aos baixos salários, à carestia.

Ao final os participantes do seminário resolveram reforçar a Comissão Contra a Violência Policial.

(da sucursal)

Os posseiros são expulsos em Aracaju

No dia 13 de abril, quando os moradores do morro do Urubu estavam ainda construindo seus barracos, policiais e bombeiros enviados pelo prefeito de Aracaju (Sergipe) já foram demolindo os casebres, sem dar a mínima satisfação aos favelados. Os moradores, revoltados, tentaram reagir, mas foram ameaçados de prisão.

Uma moradora disse: "É como o senhor está vendo, tudo abandonado. Então por que não dá pra gente? Os soldados destruíram meu barracão, mas vou construir outro, porque soube que essas terras estão abandonadas há anos, e nós precisamos de um lugar para morar".

NOVA EXPULSÃO

Logo depois da expulsão, os moradores formaram uma comissão com mais de 30 pessoas e foram ao prefeito reclamar seus direitos, mas o prefeito fugiu pela porta dos fundos da prefeitura. Um secretário, o "Conradinho" atendeu os "invasores" e permitiu a construção do barracão, desde que todos dessem o número de seus documentos, do título de eleitor e também o voto, (para o PDS).

Alguns moradores aceitaram a proposta, apresentaram seus documentos e reconstruíram seus barracos. Porém durou só uma semana. O Secretário de Obras e Urbanismo desmentiu a autorização dada pelo "Conradinho" e tramou a expulsão de mais de 1.500 pessoas que já tinham remarcado seus terrenos e reconstruído seus barracos.

No dia 21 de abril, às 9 horas, os "invasores" foram surpreendidos pela Polícia Militar, Polícia Civil e Bombeiros, com três caminhões, cinco camburões, dois Fiats e uma Brasília, fortemente armados com metralhadoras e outras armas pesadas, sob o comando do Major Nívio Mathias. O major ordenou a prisão de quem reagisse à expulsão. Os moradores não se intimidaram. Apesar dos empurrões e prisões, continuaram protestando contra a arbitrariedade. "O povão está querendo morar e o prefeito não deixa. Nós estamos na miséria, e queremos nossa terra", disse um invasor, que acabou sendo preso debaixo de tapas e empurrões. Agora os "invasores" anunciam uma manifestação em frente à prefeitura, de protesto.

(da sucursal)

Greve de fome de estudantes em Macaúbas

Sete estudantes da Residência de Macaúbas (Bahia) fizeram greve de fome de 24 horas no dia 25 último. A greve foi em repúdio à expulsão dos 34 estudantes da residência pelo prefeito Sebastião Nunes. Os estudantes exigem a permanência na residência mantida pela prefeitura, o pagamento do aluguel do prédio, (atrasado há 15 meses) e a locação de outro imóvel, já que o atual pode cair a qualquer hora. O prefeito Sebastião Nunes, do PDS, é também professor.

(da sucursal)



Por refeição vão à greve

Estudantes do Piauí param a universidade

Os estudantes da Universidade Federal do Piauí estão em greve geral, desde o dia 14 de abril, contra o aumento do preço da refeição no restaurante da UFPI. O restaurante foi reaberto no dia 12, com preços de Cr\$ 30,00 a Cr\$ 130,00, como estabeleceu a portaria do Ministério da Educação, o que representa um aumento de 1.525%! Revoltados, os estudantes tomaram o Restaurante Universitário e passaram a servir as refeições ao preço único de Cr\$ 10,00. No dia 14, o reitor fechou arbitrariamente o restaurante, e os estudantes, em resposta, eclodiram a greve geral, exigindo preço único de Cr\$ 20,00 para as refeições. A reitoria não abre negociações com os estudantes.

(da sucursal)

Começou a luta na Câmara contra o Pacote do INPS

No dia 26 o governo Figueiredo enviou à Câmara dos Deputados o famigerado Pacote da Previdência, repudiado por todos os trabalhadores do país. O plano do PDS é boicotar as votações para o Pacote passar por decurso de prazo, dentro de 60 dias. Mas o movimento sindical e popular se articula com a oposição no Congresso para impedir a manobra.

No mesmo dia, o Ministério da Previdência informava, sem corar, que as fraudes descobertas no INPS, durante os últimos 12 meses, alcançam a quantia astronômica de 1,6 bilhões de cruzeiros. E o IAPAS, órgão do mesmo Ministério, anunciava com a mesma "cara dura" que o senhor Jair Soares concentrou 24 das 35 obras importantes na previdência básica no Rio Grande do Sul, onde é candidato a governador pelo PDS.



Índios nordestinos reuniram-se para discutir seus problemas

Indígenas realizam Encontro em Alagoas

Nos dias 22, 23 e 24 de abril, mais de 40 lideranças indígenas do Nordeste estiveram reunidos em Palmeiras dos Índios, Alagoas, discutindo seus problemas. Ficou patente a necessidade da demarcação imediata das terras pertencentes aos índios, que são constantemente invadidas pelos latifúndios. A situação dos índios é semelhante à dos lavradores da região. Expulsos da terra pela seca, eles têm que trabalhar nas Frentes de Trabalho, recebendo pouco mais de cinco mil cruzeiros por mês.

As lideranças indígenas também defenderam o direito de determinar quem é ou não índio. No ano passado a Funai acenou com um projeto para definição da identidade

étnica. O projeto foi amplamente repudiado. "Quem sabe quem é índio ou não somos nós mesmos", afirmou Ibes Menino, da Tribo Wasu, de Alagoas. Essa questão é de grande importância, pois é a partir da identidade étnica que eles têm a garantia da posse da terra.

No final do Encontro foi apresentado documento com as reivindicações das comunidades indígenas. Eles exigem que o Funai maior volume de recursos para ser investidos no setor de saúde e educação. Querem também o reconhecimento da União das Nações Indígenas e do Conselho Nordeste do Índio como suas entidades representativas.

(Ricardo Mota)

A mobilização da mulher está na ordem do dia

Olívia Rangel, pela Tribuna Operária, entrevistou a 1ª secretária da Federação das Mulheres Paulistas, Lillian Pereira Martins, que participou da reunião nacional convocada por parte da diretoria da entidade, com o objetivo de criar a Confederação das Mulheres do Brasil.

Segundo Lillian, o encontro foi muito débil: apenas 6 Estados compareceram, além de São Paulo, quando suas organizadoras contavam com cerca de 14. "Isso ocorreu — afirma ela — porque em muitos Estados as entidades de mulheres foram contrárias à convocação deste encontro, feito a toque de caixa, sem a concordância de grande parte da diretoria da própria Federação da Mulher Paulista, que nem sequer foi informada".

"Além disso — prossegue ela — uma parte significativa da diretoria teve dificuldades de participar: foi impedida de falar e de fazer uma avaliação do encontro, dos informes dos representantes



Lillian: contra entidade de cúpula

dos Estados e da proposta de Confederação feita pela presidência. Dessa forma, a democracia da entidade não foi respeitada. Toda vez que emitimos uma opinião diferente das diretoras que convocaram o encontro, éramos tratadas agressivamente. A atitude antidemocrática com que a reunião foi conduzida acabou impossibilitando nossa participação. Por isso nos retiramos". Analisando os resultados do encontro, Lillian avalia ter ele comprovado que o que está na ordem do dia é a discussão de como organizar as massas femininas. "Não adianta nos atermos a discussões de cúpula, a criar entidades fantasmas, que não representam nada. O importante é mobilizar e organizar milhões de mulheres que estão à margem destas discussões e que querem é solucionar seus problemas, lutar para libertar-se do jugo milenar a que estão submetidas. A própria Federação da Mulher Paulista, por exemplo, congrega um número ainda reduzido de entidades de Mulheres. Trata-se, pois, de criar estas entidades para que o movimento feminino não fique restrito a uma minoria de mulheres já organizadas em outras entidades ou associações de classe. Precisamos criar condições para que as amplas massas femininas despertem para a luta por sua emancipação. E isso através de entidades de massas de mulheres, amplas e combativas. As União de Mulheres, já organizadas em vários locais, podem cumprir um papel destacado neste sentido".

Golpe cupulista no Encontro de favelados

No dia 25 de abril foi realizado o II Encontro das Favelas do Rio de Janeiro. Apesar de receber o apoio do governo do Estado, o Encontro não reuniu mais que três mil pessoas, bem abaixo dos 30 mil esperados e dos sete mil que participaram no ano passado. Há muito tempo o movimento dos favelados do Rio encontrava-se dividido pela ação incorreta de elementos vinculados ao governo. Estes chegaram mesmo a fundar uma Federação de Favelas paralela.

Depois da incorporação do PP ao PMDB, decidiu-se pela fusão das duas Federações, mas seu processo foi fechado e oportunista, visando mais fins eleitorais que a unidade do movimento. Tudo foi acertado por cima,

sem sequer consultar o Conselho de Representantes de cada Federação. O próprio Encontro mais parecia um comício eleitoral. Os problemas das favelas não foram discutidos e só tinham direito à palavra os presidentes de associações e os parlamentares. O espírito sectário chegou a tal ponto que foi vetada a palavra até a Lisâneas Maciel, um dos candidatos ao governo do Rio. No final, se contrapuseram duas chapas para direção da Federação das Favelas, a Fafefj. A chapa 1, encabeçada pelos responsáveis por todo o processo cupulista, reuniu 76 votos; a chapa 2, formada por algumas associações descontentes com a condução antidemocrática, alcançou 48 votos.

(da sucursal)

Os operários da Mafersa contra Banco Mundial

Na primeira semana de maio, os operários da Mafersa vão se reunir para analisar a continuidade da sua luta contra a entrega da fabricação dos trens do metrô do Rio Grande do Sul à empresa japonesa Mitsui. Os trabalhadores da Mafersa, São Paulo, conseguiram bloquear a assinatura do contrato entre a Mitsui e a Transurb (Trens Urbanos de Porto Alegre S.A.) através de ação popular, que teve a adesão de 240 funcionários.

AÇÃO ENTREGUISTA

No início do ano, a Transurb declarou a empresa estatal Mafersa como a vencedora da concorrência para aquisição de 25 trens elétricos de subúrbio. Mas o Banco Mundial, que financiou o negócio, pressionou para que o contrato fosse assinado com a Mitsui. A Mafersa entrou com mandado de segurança contra a negociata. Mas o presidente da empresa, João Viana, disse que devido a outros negócios com o Banco Mundial, "me foi determinado" (pelo governo) "desistir do mandado".

Agora os trabalhadores assumiram a ação, e a 1ª Vara Cível de Porto Alegre suspendeu a assinatura do contrato com a Mitsui. A Mafersa atravessa grave crise. Em 1981 foram demitidos cerca de 380 funcionários da empresa, que funciona com apenas 40% de sua capacidade. Segundo um operário dessa empresa, "com o contrato da Transurb, nós teríamos trabalho garantido, inclusive, em 1983. Atualmente temos muitos colegas trabalhando em pintura de telhado e construção de cerca, por falta de encomendas. E justo quando acontece uma encomenda, o governo entreguista quer beneficiar o capital estrangeiro. Isso só faz aumentar o desemprego no nosso país".



Polo petroquímico do Rio Grande do Sul

Petroquímicos avançam a sua organização

A necessidade do fim do regime militar e a consciência de que só no socialismo será conquistado um sistema onde não haja a exploração do homem pelo homem foram algumas das mais importantes conclusões do I Congresso dos Trabalhadores Químicos e Petroquímicos da Bahia, realizado entre 16 e 18 de abril. A abertura do Congresso contou com a presença de 163 delegados, várias personalidades e entidades democráticas.

Durante o Congresso, os químicos e petroquímicos aprovaram várias resoluções, destacando-se a da luta por uma Central Única dos Trabalhadores, pela derrota do PDS nas eleições de novembro e pela formação de uma ampla frente democrática na luta contra o regime militar.

Os trabalhadores também decidiram promover manifestações contra o Pacote da Previdência, realizar campanha de sindicalização em massa e combater o pluri-sindicalismo. Destacaram ainda a necessidade de formar comissões de fábricas e buscar a união dos operários com os trabalhadores do campo na luta por uma sociedade justa.

PETROQUÍMICOS GAÚCHOS

No Rio Grande do Sul, a Comissão dos Trabalhadores da empresa Ultratec, do Polo Petroquímico, obteve várias vitórias. Além de vantagens salariais, os trabalhadores conquistaram o direito de sua Comissão reunir-se durante o expediente e a estabilidade no emprego para todos os 28 membros da Comissão.

O Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas propôs a extensão dos benefícios para todos os peões das outras firmas que atuam no Polo Petroquímico. "Se não formos atendidos, é provável que surjam novas greves", afirmou o presidente da entidade, Paulo Paim.

As vitórias dos gaúchos, contudo, não estão sendo conquistadas sem pressão dos patrões e do governo. O próprio Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas está ameaçado de intervenção, e os trabalhadores solicitam mensagens de solidariedade de todos seus irmãos de classe do país, que podem ser enviadas para a Caixa Postal 58, Canoas/RS.

(Das sucursais)



"De todas as classes que subsistem face à burguesia, só o proletariado forma uma classe realmente revolucionária. As outras desaparecem e se extinguem diante da grande indústria, da qual o proletariado é o mais puro produto." (Manifesto Comunista, C. Marx e F. Engels, 1848)

A maior classe do Brasil



Neste 1º de Maio, dia internacional da solidariedade entre os trabalhadores, a classe operária brasileira passa em revista suas fileiras. Continua oprimida, espoliada, fustigada pelo desemprego. Mas cresce sempre, por necessidade irresistível do próprio sistema capitalista que a explora. Hoje ela é a maior classe social do país.

No censo demográfico de 1980, pela primeira vez, a classe operária aparece como a mais numerosa da sociedade brasileira. Os empregados na indústria de transformação passam da casa dos 5 milhões, mais que o dobro do censo de 1970. Somando-se os empregados em outras atividades industriais, construção civil e transportes, a classe operária urbana ultrapassa a 10 milhões. Junto com os assalariados agrícolas chega-se a um total de perto de 15 milhões de proletários urbanos e rurais.

IRONIA DO CAPITALISMO

Há 30 anos, estes números eram cinco vezes menores. Esta é a ironia do desenvolvimento capitalista. O dinheiro dos patrões só se transforma em capital e se reproduz em mais dinheiro através de uma e única forma: comprando a força do trabalho alheio. Como sublinhou Karl Marx, "o capital é trabalho morto, que, como um vampiro, só se anima sugando o trabalho vivo, e que quanto mais suga mais alegre a sua vida".

Pois, nos últimos tempos, o vampiro capitalista mostrou um apetite extraordinário. As multinacionais e os bancos estrangeiros têm hoje, no Brasil, 87 bilhões de dólares em investimentos diretos e empréstimos, exatamente para sugar o trabalho da nossa classe operária. Também cresceram muito os grandes grupos de burgueses brasileiros, como o Votorantim, que explora, sozinho, 53 mil trabalhadores. O capitalismo de Estado se expandiu, pelo mesmo método espoliativo.

O capital cresceu e concentrou-se como nunca. Mas, para a desgraça dos senhores capitalistas, isto teve uma contrapartida inevitável: o vigoroso crescimento da classe operária brasileira.

Não foi apenas um crescimento em quantidade. Nossa classe

operária, antes dispersa, agora está altamente concentrada. Pouco mais de mil empresas, em 1980, agrupavam mais de 2,5 milhões de trabalhadores. Nasceu assim o grande proletariado industrial brasileiro.

O GRANDE PROLETARIADO

E não foi por acaso que partiu das grandes fábricas do ABC a onda de greves de 1978-80. A grande indústria eleva ao máximo a disciplina, a organização, a consciência, multiplica a força da classe operária.

O desenvolvimento capitalista mexeu também com as outras classes e camadas da sociedade brasileira. Os camponeses foram sendo acudados pela penetração capitalista e a expansão das grandes propriedades na agricultura. Entre 1970 e 1980, mais de 3 milhões de famílias deixaram o campo rumo às cidades, onde os

mais afortunados se transformaram em assalariados. Outros passaram à condição de assalariados agrícolas, permanentes ou temporários. Outros ainda tornaram-se semi-assalariados. Tudo isso aproximou os trabalhadores da cidade e os de campo.

Na camada da pequena-burguesia urbana, por sua vez, se desagrega sem parar. E a maioria, forçada ao trabalho assalariado, aproxima-se também do proletariado.

UM MUNDO A GANHAR

Quem vê nossa classe operária, ainda muito jovem, inculta, desorganizada, acossada pelo desemprego, fome e forçada a um trabalho embrutecedor, muitas vezes não percebe todas estas transformações. O reforço do proletariado, no entanto, aponta o futuro de toda a sociedade brasileira. Os pontos fracos do nosso movimento operário são temporários. Serão superados pela experiência da própria classe, pela ação insubstituível dos trabalhadores de vanguarda. Enquanto que os pontos fortes, produto de leis objetivas, são permanentes e atuam com força crescente.

Esta classe, nascida e criada pelo capitalismo, é grande demais para caber indefinidamente dentro dele. Mais dia, menos dia, ela arrebenta com a velha ordem social burguesa e toda exploração do homem pelo homem.

Imobilismo da Pró-Cut favorece divisão

Os 5 mil delegados da Conclat elegeram a comissão Pró-Cut para uma missão concreta: unir os trabalhadores, elevar o nível de suas lutas e trabalhar pela construção de uma Central Única dos Trabalhadores (CUT).

Mas a Pró-Cut não tem sido fiel aos trabalhadores que a elegeram. A preparação do 1º de maio é um exemplo. Não saiu nem aos menos um cartaz unificado para a convocação da manifestação, assinado pela Pró-Cut. Seu imobilismo foi o mais completo. Limitou-se a uma reunião onde burocraticamente escolheu algumas palavras de ordem gerais. Mas não tomou nenhuma iniciativa concreta para impulsionar as comemorações com caráter classista e unitário contra a opressão.

O resultado é que certos grupos, que têm pouco compromisso real com os trabalhadores, continuam promovendo atos separados, para atender a seus interesses específicos e não à luta do conjunto.

Sindicalistas ligados ao PT trabalham no sentido de atos exclusivistas, visando o fortalecimento do seu próprio partido, mesmo que o preço seja a divisão do movimento sindical. E outros, reformistas, comprometem a manifestação com o que tem de mais atrasado e pelego, sabotando também a unidade e procurando utilizar o ato para fins eleitorais. O interesse dos trabalhadores é unidade para a luta e não cobrar este compromisso de cada membro da Pró-Cut.

Metalúrgicos param os estaleiros de Niterói

Os 15 mil metalúrgicos de Niterói, no Rio de Janeiro, estão em greve desde a madrugada do dia 28. Os piquetes nos estaleiros tiveram absoluto sucesso. Mesmo na Mac Laren, onde os ônibus tentavam entrar na fábrica em disparada, a paralisação foi total.

A decisão da greve foi tomada dia 27, por cinco mil operários concentrados em frente ao Sindicato. Apenas quatro metalúrgicos votaram contra a paralisação — foram vaiados. A disposição dos trabalhadores de delataram a greve era tanta que até os oradores inscritos para falar na assembleia tiveram dificuldades em fazê-lo. "Esta é a vontade da categoria e a direção do Sindicato levará esta decisão até as últimas consequências", comprometeu-se Abdias, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos.

O clima na assembleia era de vibração. Imediatamente foram



Nos estaleiros os operários em greve discutem seus problemas

formadas as comissões de finanças, de propaganda, de segurança e de mobilização.

Foram feitas várias reuniões da Comissão de Negociação dos operários com o Sinaval (Sindicato patronal), onde predominou a intransigência dos patrões. Os operários reivindicam 15% de produtividade e piso salarial de

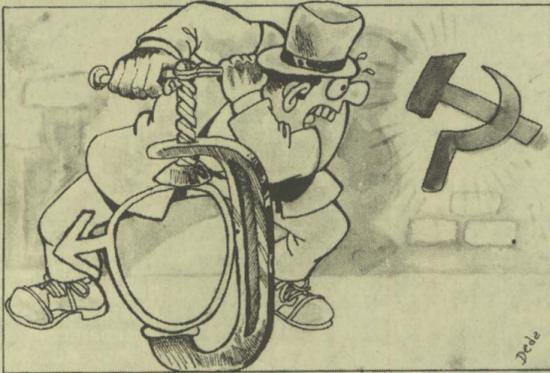
Cr\$ 31.460,00, estabilidade no emprego por um ano e livre acesso do Sindicato nas empresas. Os patrões ofereceram apenas 4% de produtividade e Cr\$ 22.160,00 de piso. O próprio Delegado Regional do Trabalho, que participou da assembleia, reconheceu que a proposta do Sinaval era absurda.

(da sucursal de Niterói)

Fábrica de jeans explora moças de até 14 anos

Somos operárias de 14 a 16 anos, da Radial, a grande empresa no bairro de Eldorado, Contagem, que produz as caras e famosas "Calças Flamers". Ali trabalham umas 3 mil operárias, na maioria moças menores de 18 anos. Este jornal da classe operária precisa contar a superexploração que vivemos na Radial, como mulheres e como menores.

O grande jogo da empresa é contratar a gente com salário de menor, aprendiz de costureira, quando a gente não aprende nada. Trabalhamos das 7 às 18 horas, com dois intervalos de 15 minutos para café e um de uma hora para almoço. No total nove horas e meia por dia, em pé, carregando pacotes de lá pra cá, aguentando a poluição do pó de jeans e o barulho de 700 máquinas de costura. Uma menina teve de tirar licença por mais de um ano porque



tinha se intoxicado com o pó!

O que mais revolta é aguentarmos tudo isto pela metade do salário-mínimo. Temos operárias que trabalham lá há mais de três anos e só recebem 1.900 cruzeiros por semana, menos da metade do preço que eles cobram por uma calça! Além disso eles ainda comem um pedaço do salário com taxas de clínica e grêmio,

no total de 200 cruzeiros por mês.

Entre 24 de dezembro e 12 de janeiro, a empresa resolveu dar férias coletivas. Fez com que assinássemos uma declaração e não pagou um tostão por este período. Quando nos mandam embora, não pagam nenhum direito. Achamos isto muita exploração!

(Contagem, Minas Gerais)

No sertão da Paraíba Gadelha bom só morto

Na cidade de Souza, no sertão da Paraíba, participar da oposição ainda é crime. Raimundo Alves dos Santos, conhecido por **Mundinho**, é um ex-líder estudantil, hoje funcionário concursado da Coletoria em Souza. Só pelo fato de não se definir pelo PDS, mesmo não tendo uma participação ativa na oposição, começou um processo de perseguição contra ele, que veio culminar com sua remoção para a cidade de Princesa Isabel, distante 250 quilômetros, tendo que pegar transporte.

Sabe-se que há um listão de 16 nomes dos quais o PDS quer a cabeça. Salomão Gadelha é o dono do listão. Já o chamam de "O Justiciero", só que ao contrário do Salomão da Bíblia. Como fruto disto tudo, **Mundinho** resolveu filiar-se ao PMDB e hoje está cotado para ser vereador.

Marcondes Gadelha, que era deputado federal do PM-

DB, tido como autêntico em Brasília, nunca foi realmente de oposição. Ele e sua família são tiranos na Paraíba, mais concretamente em Souza. É só ver o filme "O País de São Saruê" para ver quanto esta família suga o sangue do povo pobre do Sertão. Salomão Gadelha, apesar de ser o mais jovem, foi escolhido para suceder pelo pai, Zé Gadelha, antes de morrer. E não foi à toa. Tudo que havia de ruim no pai tem no filho.

O regime militar e o PDS sabiam de toda a ruindade dos Gadelha e souberam se aproveitar dela. Sabiam que Marcondes Gadelha nunca foi oposição ao regime, mas sim ao grupo de Antonio Mariz, que sempre o derrotou em Souza. Hoje, sendo Mariz candidato a governador pelo PMDB, só restava a Gadelha tirar a máscara. O PDS, sabendo de tudo isso e de muito mais, resolveu "comprar" os Gadelha.

Como primeiro pagamento, Burity deu um caixão de defundo quando da morte de Zé Gadelha. Depois, foi "perdoada" a dívida de 30 milhões de cruzeiros em impostos das três usinas de Marcondes, em Uraúna, Campina Grande e Souza. Depois, deu-se aos Gadelha a concessão para uma estação de Rádio em Souza. E como último arremate, o PDS lançou Marcondes como candidato ao Senado.

Por aí vemos que não foi nada barata a compra de Marcondes Gadelha, eleito pelo voto do povo na legenda do PMDB. Ele cuspiu no prato em que comeu, chutou a confiança que o povo lhe depositou. E em Souza já existe um ditado, muito popular, que diz: "Gadelha bom, Gadelha morto".

(correspondente em Souza, Paraíba)

Multinacional alemã pensa que o nazismo não acabou

É grande o descontentamento de todos os trabalhadores da multinacional Hoechst de Suzano, pois até para fazer suas necessidades fisiológicas eles têm que preencher um formulário — "passe de saída da seção".

"Cada vez que reclamamos, somos ameaçados de expulsão, pois cada vez que alguém é demitido contratam um dos tantos desempregados do ABC, com salário de fome. Tantas coisas estão acontecendo com a panelinha de ale-

mães que a firma ganhou na região o apelido de "Campo de concentração nazista", onde nós somos os prisioneiros."

"Nós nos levantamos em pequenos focos de luta contra o patrão, imprimindo até um jornalzinho, financiado com muito sacrifício e distribuído com todo segredo, porque não faltam os pelegos, puxa-sacos, que são a vergonha do trabalhador brasileiro."

"Ainda somos toda hora chamados de "macacos" e

"burros", que "só sabem assistir futebol, pular carnaval e beber cachaça". E o "führer", nosso patrão, está contratando um serviço secreto, ou "Gestapo", para vigiar todo tipo de trabalho, em todas as seções. Isto será feito por uma firma especializada, por estranha coincidência, de origem alemã."

"Estamos como na Europa de 1944. Não sabemos como enfrentar com um simples estilingue o gigante nazista, que ameaça nossa liberdade e nosso estômago, nossas mulheres e filhos, que não entendem porque falta o leite, o pão, o arroz e o feijão em casa, se o pai trabalha tanto. Vegetar parece ser o nosso destino no Brasil, enquanto apenas um punhado de homens sem medo se atrevera a tomar o estilingue para enfrentar o monstro. Lutemos por nossos direitos para não sermos estrangeiros em nossa própria terra!"

(um trabalhador, Suzano, São Paulo)



Operário sem medo defende Tribuna

O operário Otacilio foi demitido da metalúrgica Eriez, por ter denunciado na **Tribuna**, o desrespeito no tratamento a seu João, quando ele precisou de doadores de sangue para seu filho (ver **TO** nº 65). Junto com Otacilio foi demitido também seu João.

Acontece que, por medo do patrão e também por falta de consciência de classe, seu João acabou denunciando o companheiro Otacilio. Ficou assim evidente que o patrão não respeita nem aqueles que

são "bonzinhos". Otacilio, por ser honesto e corajoso, confirmou que fora o autor da carta.

Quando foram chamados pela direção da empresa, Otacilio foi pressionado. Diesseram que a **Tribuna** era mentirosa, que poderiam até processar Otacilio por aquilo, pois a empresa seria mal vista no mundo inteiro. Mas, se o jornal não presta, por que tanto medo?

Otacilio não deixou por menos: "Por que não presta? Os jornais da burguesia é que

prestam? que dizem a verdade? Para você o meu jornal não presta, mas para os trabalhadores explorados presta sim."

Devemos tirar lições disso. Uma simples denúncia faz com que o patrão fique apavorado. Somos nós que produzimos tudo, e essa situação tem que mudar. Devemos dar total solidariedade aos companheiros demitidos, juntamente com o Sindicato.

(operários da Leopoldina, São Paulo)

Trabalhador vive de teimoso na Monark

Operário da Monark vive de teimoso. A maioria do pessoal da Monark ganha por hora, Cr\$ 88,42, o que dá em média 23 mil cruzeiros por mês. O preço do restaurante é o mais caro que há: Cr\$ 2.246,00, a comida além de pouca é ruim. Somando o desconto do INPS, Cr\$ 1.972,00, (pois o governo acha que ganhamos muito), e mais Cr\$ 1.800,00 de condução, sobra Cr\$ 16.182,00 para manter nossa família, vestir, comprar remédio e se divertir. Isto é gozação!

A Monark não tem horário de café e quem quiser tomar seu café tem que levar de casa. A maioria dos compa-

neiros já não respeita essa ordem safada e toma seu café na seção, contra a vontade da chefia.

Companheiros, é necessário irmos nos organizando, nos sindicalizarmos, participar das assembleias e reuniões e irmos criando a nossa comissão de fábrica para podermos lutar contra esse estado de coisas. Pois só a luta decidida de todos os operários e trabalhadores em geral vai conquistar tudo aquilo a que temos direito. É necessário também enfrentar este regime militar que está do lado dos patrões e nunca toma qualquer medida contra estas injustiças. (operários da Monark, São Paulo)



Governo baiano vai demolir ponte que custou sete vidas

Vejam vocês, leitores da **TO**, onde nosso esforço é jogado. Na localidade de Pedra do Cavalo, há mais de 15 anos havia um projeto de barragem. Dez anos depois, aproximadamente, se construiu uma ponte que ceifou sete vidas acidentalmente. E em nossos dias, que vemos? Uma nova ponte erguida com a barragem; e aquela ponte que matou e gastou muito do nosso suor será simplesmente demo-

lida. Nós ficamos cada vez mais com fome, e os "planejadores" de barriga cheia.

Em seqüência, temos a ponte D. Pedro II precisando de urgentes reparos nas tulipas, pois até já morreu gente no Natal próximo passado. O governo se nega a liberar verba, porque seria o povo beneficiado.

(Salvador, Bahia)

Os guardas do Banco Itaú mais parecem boinas verdes

Nós, companheiros do Centro Técnico Operacional do Itaú, além de trabalharmos sob um forte aparato repressivo, somos vigiados constantemente através de câmeras e guardas especializados, que mais parecem com os boinas verdes que reprimam o povo vietnamita. Estamos sendo vítimas de mais algumas arbitrariedades, as quais não podíamos deixar de denunciar num jornal que se destaca pela defesa dos interesses dos trabalhadores.

Atualmente corre um boato de que os funcionários velhos de casa serão demitidos. E parece que esta medida vem se concretizando. Por exemplo, dias atrás, até um chefe de Divisão foi obrigado a fazer acordo com os patrões e ser demitido. Isso atemorizou

alguns funcionários. Um senhor que tem mais de 5 anos de casa, por exemplo, desabafou: "O quê vou fazer se for demitido, quando tenho três filhos e a categoria de bancário não é mais profissionalizada?"

Quem tiver atraso de horário três vezes num mês também está arriscado a perder o emprego. Outro dia, aconteceu comigo de chegar 2 minutos atrasados por causa da chuva, que congestionou o trânsito. O meu chefe me disse para eu descer do ônibus e pegar um táxi quando houver congestionamento. Um absurdo, não?

Precisamos lutar contra essas arbitrariedades, e para isso precisamos reforçar o nosso Sindicato e nos organizarmos nos locais de trabalho. (funcionários do CTO do Itaú)

Em Iguatu, fazer propaganda da oposição dá até cadeia

Dia 8 de março, às 3 horas da madrugada, três líderes do PMDB cearense foram presos por estarem divulgando candidaturas populares em Iguatu. A polícia chegou e os intimou a irem à delegacia, sem nenhum esclarecimento sobre a ordem de prisão. Ainda insultaram os prisioneiros.

Diante da exigência dos líderes de que fossem tratados como presos polí-

ticos, os policiais disseram que não sabiam se existia essa diferença. Só às 8 horas, diante da exigência de um advogado, os opositoristas foram liberados. O delegado confessou que a prisão não poderia ter sido efetuada, já que não existe nenhum dispositivo legal que a autorize. As lideranças do PMDB, assim como todos os democratas, repudiam vivamente esta atitude arbitrária da polícia. (F.S. Iguatu, Ceará)

Com o povo de Irã-Iraque este governo não tem vez

Irã e Iraque são duas áreas invadidas em Recife, entre um canal para onde correm todos os despejos dos barracos. Nas chuvas aquela água esborra, enchendo as casas de lama podre. Ratos, muriçocas, mau-cheiro e agora uma intensa alergia de pele convivem com o povo, já cansado de esperar que o poder público tome providências.

O povo de Irã-Iraque enfrentou a polícia que vinha derrubar seus barracos. Agora não acredita mais neste governo. Parte para a luta, única forma de resolver seus problemas de moradia e trabalho. Começa a compreender que sua força está na união, na organização e determinação. (correspondente do Engenho do Meio - Recife, Pernambuco)

Polícia dá tremedeira de febre sezão

Descansava certa noite em minha casa quando passos ouvi rente ao portão. Retesei os músculos, num sobressalto e perguntei: Esses passos, de quem são? Responderam-me: Tranquiliza-te, é a polícia resguardando teus direitos

de cidadão. Por aí que me deu tal tremedeira e arrepios tipo de febre sezão... pois no atual dessa vida brasileira tá mais suave dar de cara com o povo. (J.E.F. - Salvador, Bahia)



fala o POVO

Dá um nó na garganta saber que moças tão jovens como as operárias da Radial que escrevem neste número, quase crianças, conhecem tão de perto uma tamanha espoliação. Que seu salário de duas semanas não dá para comprar uma calça jeans, dessas que elas produzem em quantidade e talvez nunca possam usar. É assim o sistema da escravidão assalariada: o patrão não vê sexo nem idade, só a busca febril do lucro máximo, custe o que custar, mesmo que o preço seja a juventude destas moças.

Mas causa também orgulho, um justo orgulho de classe, ver como a selvageria patronal abriu os olhos destas jovens recém-chegadas ao grande exército dos explorados pelo capital. Como elas não se dobram, erguem a voz, usam as armas da sua classe, como esta **Tribuna Operária**. É isto mesmo, companheiras. A fábrica embrutece alguns, mas desperta e tempera outros, os que conhecem a força do trabalhador unido e combatem por um mundo livre da exploração, como vocês. Contem conosco. *Olivia Rangel*



Dona Maria com os filhos no barraco

Como vivem os bóias-frias de Rancharia

Rancharia, cidade pequena, já tem suas favelas. Quem visita o bairro carente chamado Jardim Primavera pode ver de perto uma das cenas mais subumanas impostas pelo sistema. Dona Maria Geralda, moradora do bairro, mãe de oito filhos, mora num barraco de chão, que não tem luz e paga mil cruzeiros de aluguel. A água corre entre os barracos, contaminada, devido a ausência de esgoto. Os filhos de Dona Maria trabalham como bóias-frias e quase não resistem ao trabalho devido à falta de alimentação. Um deles chegou a desmaiar na roça de tanta fome. No cortiço onde mora a família existem nove barracos iguais, com uma torneira e um banheiro para todos. Os moradores constantemente estão doentes pela falta de higiene e alimentação.

Esses bóias-frias ganham salário de fome, não recebem nos feriados, nem em dias de chuva. É um terrorismo imposto pelos que visam só o lucro, e os responsáveis por este crime estão no poder há 18 anos. (A.A.T. - Rancharia, São paulo)

J. Maluf malufou os moradores da Vila Nagibi

Os moradores de 150 lotes situados em Vila Nagibi, região sul de São Paulo, compraram há dois anos esses lotes da propriedade do sr. Jorge Dias Maluf. "Ele havia nos dito que tinha água, luz, guias e sarjetas e contrato registrado. Acontece que hoje, passados dois anos, ainda não temos num contrato, luz ou sarjeta."

"Estamos com uma série de problemas, como o caso do Sebastião C. Rodrigues, que comprou fios para sua casa, na esperança de ser ligada a luz, e ladrões se aproveitaram da escuridão para roubá-lo. Do Geraldo Venâncio roubaram o toca-discos; do Valdir Miranda roubaram dois rádios, bateadeiras, quebraram sua televisão e ainda roubaram roupas. O José Jacinto teve sua casa assaltada três vezes."

"Enquanto isso, a Eletropaulo exige o pagamento de Cr\$ 1 milhão para ligar a luz, mas nós somos assalariados e não temos condições de pagar essa quantia. Gostaríamos que o prefeito de São Paulo viesse ver de perto como vivemos nós que moramos na Vila Nagibi." (Moradores de Vila Nagibi, reunidos em assembleia)

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

A autogestão é antisocialista

Nos conflitos da Polônia, o sindicato Solidariedade levantou a bandeira da autogestão para combater o governo revisionista. E não faltou quem apoiasse esta bandeira como uma solução socialista. Mas foi na Iugoslávia que a autogestão foi aplicada pela primeira vez — e o resultado desta falsa saída é que o país tem hoje mais de 1 milhão de desempregados e a taxa de inflação mais alta da Europa.

A idéia central da autogestão é a descentralização dos meios de produção. Seus defensores argumentam que para os trabalhadores terem um controle mais direto da produção, cada fábrica, cada empresa, deve ser dirigida pelos trabalhadores daquele estabelecimento. E com autonomia para decidir como e quanto produzir. De certa forma, já no século passado os anarquistas levantavam estas idéias.

DIVISÃO DOS OPERÁRIOS

Qual é a essência desta posição? Com ela, a classe operária é retalhada em destacamentos por fábrica, em concorrência uns com os outros. Além disto, cada destacamento, dividido do conjunto, vê apenas os estreitos limites dos seus interesses locais, fortalecendo o espírito individualista e localista e não o sentimento socialista. A descentralização restaura a anarquia da produção, cada estabelecimento concorrendo com os outros, como no capitalismo, impedindo o planejamento global nacional. Mas o que é fundamental é que a autogestão retira da classe operária a direção do conjunto da economia — que só pode ser realizada através de uma direção estatal única, centralizada. A autogestão é, por isto mesmo, não uma saída socialista mas, pelo contrário, um caminho para liquidar o socialismo. Não é por acaso que o Solidariedade, atrelado à Igreja e ao imperialismo ocidental, os anarquistas e os trotskistas estão todos de acordo com esta "novidade".

No socialismo, a classe operária toma o poder e concentra os meios de produção nas mãos do Estado: as fábricas, as terras, as minas, os meios de transporte e de comunicação, passam a ser propriedade socialista sob a direção da ditadura do proletariado. Esta economia, altamente centralizada e organizada, permite uma planificação em escala nacional, eliminando os desperdícios da sociedade capitalista.

UMA ÚNICA EMPRESA

A produção e a distribuição dos produtos passa a ser dirigida de acordo com as necessidades dos trabalhadores. O proletariado dirige o país como se fosse uma imensa fábrica, onde cada empresa pode ser comparada com uma seção. A distribuição das tarefas, o cálculo da produção, a introdução de máquinas modernas, tudo é orientado para elevar o nível de vida da população, reduzir as diferenças entre as diversas regiões do país e entre as diferentes camadas sociais. O proletariado orienta o desenvolvimento das forças produtivas e conduz o progresso social para a progressiva eliminação das classes.

Com a autogestão, inevitavelmente, as empresas industriais e os estabelecimentos agrícolas têm um crescimento desigual — algumas estão localizadas em regiões mais férteis, por exemplo; outras têm mais acesso a tecnologias avançadas. Com a competição, as mais fortes dominam as mais frágeis e restaura-se o funcionamento burguês. Foi o que aconteceu na Iugoslávia. Só a direção centralizada e dirigida pelo proletariado pode impulsionar um desenvolvimento socialista. A seguir, a estratégia e tática do proletariado.

A morte de Sérgio Buarque de Holanda

A morte do historiador Sérgio Buarque de Holanda, ocorrida no último dia 24 de abril, veio desfalar a intelectualidade democrática de um dos seus mais significativos valores.

Historiador e crítico literário, Sérgio estreou em 1936 com o livro **Raízes do Brasil**, seguindo-se a **de Cibra de Vidro** (crítica literária), **Monções, Caminhos e Fronteiras** e inúmeros outros. Foi, também, diretor da obra **História Geral da Civilização Brasileira**. Escreveu obras didáticas de História do Brasil em colaboração com Octávio Tarquínio de Souza.

Foi presidente da União Brasileira de Escritores. Professor de História da USP, pediu sua aposentadoria quando dezenas de colegas seus foram aposentados com base no AI-5, em solidariedade aos mesmos. Em 1980 foi eleito **Intelectual do Ano** tendo, na ocasião pronunciado um discurso, no qual, após referir-se ao papel dos escritores na luta contra a ditadura de Getúlio Vargas, destacou a necessidade da atualidade continuar hoje essa luta, pois "vivemos dias muitos semelhantes aos de 45". Sérgio deixa viúva e sete filhos, entre os quais o compositor Chico Buarque de Holanda.



Os boicotes e intrigas da Fórmula 1

Boicotes, impugnações, intrigas e acidentes fatais. A isto costuma-se chamar o "grande circo" da Fórmula Um de automobilismo. Seus integrantes são vistos como românticos heróis de um esporte fascinante e perigoso.

No último domingo, dia 25, o circo esteve em Ímola, na Itália, desfalcado de mais da metade de suas estrelas, por força de mais uma das infundáveis brigas de interesses entre as diversas associações envolvidas com o meio automobilístico. Desta feita, algumas das principais escuderias boicotaram o Grande Prêmio San Marino em protesto contra a decisão da FIA (Federação Internacional do Automobilismo) que impugnou a pontuação de Nelson Piquet e Keke Rosberg no Grande Prêmio Brasil.

Desde o início da atual temporada, o circo tem mostrado a verdadeira motivação deste esporte violento e comercial. Todos os principais pilotos haviam sido proibidos de participar de qualquer competição do calendário oficial da FIA por terem se recusado a assinar um contrato que favorecia sobremaneira os construtores e patrocinadores.

Não há qualquer preocupação desportiva no automobilismo, de nenhuma parte. Os donos de escuderia, como Emerson Fittipaldi, vivem mendigando patrocínio nos quatro cantos do mundo; as federações de automobilismo e de construtores (FIA e FOCA) vivem arquitetando artimanhas para favorecer os grandes patrocinadores; os pilotos pregam etiquetas de publicidade até na testa, e arriscam a vida quinquenalmente.

Didier Pironi, da Ferrari, venceu a prova de San Marino e Alain Prost, da Renault, lidera o mundial de pilotos com 18 pontos, até que alguma decisão do bolso do colete não altere os resultados obtidos na pista. (Jessé Madureira)

Pesquisadores da MPB apóiam obra de Nirez

O trabalho de Miguel Ângelo de Azevedo, o Nirez, foi bastante valorizado pelos especialistas de 12 Estados que participaram do 3º Encontro de Pesquisadores de Música Popular Brasileira, realizado no Rio de Janeiro entre 15 e 17 de abril.

A maior obra de Nirez é a criação e manutenção, sem auxílio de qualquer natureza, do Museu Cearense de Comunicação, com sede em Fortaleza, Ceará. Trata-se de um dos mais ricos centros de estudo da música popular, pelo acervo que possui em discos, fitas, partituras, livros, fotos, cordéis e objetos ligados à história da música brasileira.

Segundo Nirez, "o governo é insensível à cultura". E tem razão: o riacho que havia perto do Museu tornou-se o esgoto da cidade, e o Museu foi fechado devido ao odor, mosquitos e outros bichos que proliferam no local. Esse foi um dos motivos do repúdio dos participantes do Encontro às autoridades que menosprezam a cultura. (Ernesto Alves da Silva)

UEE paulista faz programa de cultura

O I Encontro Cultural dos Universitários Paulistas será realizado no dia 8 de maio, a partir das 10 horas, no Teatro Ruth Escobar, São Paulo. Pessoas ligadas aos movimentos culturais dos anos 60 e 70 participarão de debates sobre a experiência dos Centros Populares de Cultura da UNE, os teatros Oficina, de Arena e Opinião.

Durante o Encontro, a UEE de São Paulo apresentará seu "Programa Cultural 82".

Segundo o diretor de cultura da UEE, Alonso Lopes, "a nossa luta é contra a censura e a ignorância, o imperialismo cultural norte-americano, em defesa da universidade brasileira, da cultura nacional e popular, da liberdade de expressão, participação e organização.

Flamengo: o super-clube campeão

Numa campanha irrepreensível, apresentando um futebol bonito e vibrante, o Flamengo sagrou-se novamente campeão brasileiro. Venceu o Grêmio de Porto Alegre em disputa nervosa, cheia de ameaças e violências. E confirmou a predominância do futebol criativo e ofensivo sobre o estilo retrancado e viril praticado pelo Grêmio.

Uma equipe que tem como retrospecto seis títulos de campeão em sete torneios disputados em três anos — bi-campeão Carioca em 80-81, Campeão Nacional em 80 e 82, Campeão Sul-americano e Mundial em 81 —, como é o caso do Flamengo, não merece restrição de nenhuma parte, mesmo num país de 120 milhões de técnicos, como o nosso.

PELO "FUTEBOL-ARTE"

Muitos fatores se combinaram, porém, em contribuição a tão brilhante performance, e alguns deles devem ser destacados. Em primeiro lugar, louve-se a sadia opção pela prática do "futebol-arte" adotada pelo Flamengo, que teve o mérito de devolver a confiança e o respeito do mundo inteiro ao futebol brasileiro. Da mesma forma, é elogiável a política de valorização das divisões inferiores seguida pela direção do clube, que possibilitou a formação de um super-time quase que totalmente com jogadores criados na própria casa. Por último, merece aplausos a atitude paciente e perseverante da direção flamenguista, que soube esperar alguns



Raul, Leandro, Marinho, Andrade, Figueiredo e Júnior, Tita, Adílio, Nunes, Zico e Lico, o super-time.

anos até que a máquina rubro-negra se azeitasse e devolvesse bons resultados, prestigiando o jovem elenco de jogadores e também a direção técnica de Coutinho e, posteriormente, de Carpegiani.

Entretanto, esse comportamento sério e criterioso no tratamento das questões técnicas vem acompanhado de práticas pouco recomendáveis.

INCENTIVO À VIOLÊNCIA

Não raro, os cartolas da equipe têm incentivado um clima de atrito e violência contra os seus adversários importantes, como forma de motivar os jogadores e a imensa torcida rubro-negra, e, também de promover as apresentações do Flamengo. Foi assim, por exemplo, que numa das partidas decisivas da Taça Libertadores da América, disputada contra o Co-breloa, do Chile, o técnico Car-

pegiani chegou a colocar em campo um jogador com a exclusiva determinação de agredir o quarto zagueiro Mário Sotto. Também nas semi-finais da Taça de Ouro, disputadas contra o Guarani, os diretores do Flamengo criaram um clima de hostilidade ao ameaçarem, inexplicavelmente, não jogar em Campinas. E, mais recentemente, desfecharam uma campanha desleal e anti-esportiva contra o Grêmio de Porto Alegre, ao acusarem os atletas gaúchos de covardes e praticantes de anti-futebol.

Como consequência, chegamos ao absurdo de declarações sob todos os aspectos condenáveis, como esta do Nunes: "Só não chutei o rosto do Leão nesta decisão porque faltou chance". A bem da verdade, neste mesmo jogo o goleiro do Grêmio agrediu clara-

mente Nunes com tapas e cotoveladas, tudo como fruto do clima pesado e vingativo de antes do jogo.

DOPPING DO DINHEIRO

De outra parte, é bastante duvidoso, ainda sob o ponto de vista ético e esportivo, o critério de pagamento de prêmios usado pelo Flamengo, que contempla com 10% da renda líquida os jogadores e a comissão técnica em caso de vitória. Essa regra acaba se constituindo, ou pode se constituir, num verdadeiro "dopping do dinheiro".

Sem negar os aplausos ao grande time da Gávea por mais uma brilhante conquista, a fórmula do super-time está aprovada pela metade. Saudações ao futebol elegante e eficiente, dispensado-se os expedientes passionais, violentos e semi-corruptivos.

O que a Globo fez com Lampião



Com ampla divulgação, a Rede Globo está colocando no ar um novo seriado, **Lampião e Maria Bonita**. E não poupou dinheiro para realizar o programa: gastou Cr\$ 35 milhões na produção dos seus oito capítulos.

Ao lado, o casal decapitado abaixo, o par romântico da TV



A série mostrará "a história de amor e sangue de Lampião e Maria Bonita", os romances entre o sargento Libório e a fazendeira Joana Bezerra e, ainda, "uma história urbana, passada em Salvador, da disputa de notícias e informações sobre Lampião, travada por um jornalista com o poder estabelecido", conta o produtor do programa, Paulo Grisoli.

Portanto, a Globo tratou de colocar a história de Lampião no seu "padrão de qualidade". E a bem cuidada produção tem vitórias, como as interpretações de Nelson Xavier e Tânia Alves nos personagens centrais.

Lampião e Maria Bonita é baseado em fatos reais. Só baseado. "Resolvemos enveredar por um caminho nosso, ficcionistas que somos", contam os autores da série. Doc Comparato e Aguiinaldo Silva. "Não se tratava de escrever uma história verdadeira. Optamos pela ficção". Para isso, escolheram um período sobre o qual pouco se sabe da história

de Lampião e sua mulher: os últimos seis meses de suas vidas, até serem decapitados pela polícia.

QUESTÃO DE CARÁTER

A série não retrata com fidelidade a situação que deu origem ao cangaço. Trata das aventuras e amores de um casal de cangaceiros fictícios. O escritor Graciliano Ramos, afirmou certa vez: "O que transformou Lampião em besta-fera foi a necessidade de viver. Enquanto possuía um bocado de farinha e rapadura, trabalhou". Mas a idéia da Globo é outra: "O cangaço tem a ver com o próprio caráter do homem nordestino", disse Aguiinaldo Silva.

A Globo defende os interesses dos poderosos, dos grandes grupos econômicos. Prefere colocar o cangaço como uma questão de "caráter do homem nordestino". É uma maneira de esconder a violência, a miséria a que os exploradores submetem o povo trabalhador. (Carlos Pompe)

70 anos de um grande jornal operário

Dia 5 de maio de 1912, há exatamente 70 anos, nascia na velha Rússia zarista o primeiro jornal diário dos operários bolcheviques, o **Pravda** ("A Verdade"), inspirado por Vladimir Lênin e dirigido pessoalmente por Joseph Stalin. Desde então, o velho **Pravda** serve de modelo à imprensa operária revolucionária em todo o mundo.

O leitor da TO conhece o **Pravda** de hoje como porta-voz da superpotência soviética, que enaltece a invasão do Afeganistão, o golpe militar na Polônia, o status quo atual da URSS. Mas o **Pravda** já foi um legítimo defensor da classe operária e dos povos oprimidos.

O jornal nasceu na crista de um ascenso do movimento operário russo. Em abril de 1912, explodira uma greve de 300 mil trabalhadores, em protesto contra o massacre dos grevistas de uma mina de ouro na Sibéria. Ao mesmo tempo 1912 seria um ano eleitoral e, apesar da opressão zarista, os operários tomariam parte ativa nelas, apoiando o Partido Bolchevique. Era imperioso criar um jornal de massas que desse rumo à luta operária em todas as frentes, nas fábricas, nas ruas, no parlamento.

COMO ERA O PRAVDA

O novo diário surgiu em São

Petersburgo (hoje Leningrado), o maior centro proletário da Rússia na época, e circulava nacionalmente. Em 1914 chegou a ser vendido em 924 pontos da Rússia.

Era um jornal simples e barato, com apenas quatro páginas. Na capa vinha o editorial e artigos de fundo, em capítulos para facilitar a leitura. Na página 2, o noticiário das lutas, ajudando a orientá-las. A última página, mais variada, em geral, continha as últimas notícias.

A página 3 era dedicada às cartas de correspondentes operários, enviadas de toda a Rússia. Em pouco tempo formou-se uma vasta rede de correspondentes deste tipo, que eram a alma do jornal. Havia também uma seção, "A Vida do Camponês", para as cartas dos trabalhadores rurais. Cada edição continha mais de 20 correspondências operárias e camponesas.

Os operários que apoiavam



Lênin, o inspirador e o maior entusiasta do Pravda, lê o jornal

o jornal, conhecidos como "pravdistas", formavam uma corrente de opinião que rapidamente se firmou como a direção do movimento operário. O **Pravda** chegou a alcançar 40 mil exemplares de tiragem graças ao apoio destes simples operários.

UM JORNAL COM 8 NOMES

O próprio dinheiro para o diário vinha de coletas baseadas principalmente nas fábricas. Lenin via neste apoio o critério para medir o caráter proletário do jornal. Ele pró-

prio analisou em detalhe o significado das coletas, em vários de seus mais de 250 artigos no **Pravda**.

Várias edições foram apreendidas. O jornal foi suspenso oito vezes pela censura. Mas reaparecia sempre, com outro nome: **Rabóchaia Pravda**, ("A Verdade do Operário), **Pravda Trudá** ("A Verdade do Trabalho") etc. Em julho de 1914, o governo fechou de vez o jornal, numa ofensiva antioperária para jogar a Rússia na guerra imperialista. Mas com a revolução de 1917, o **Pravda** voltaria a circular como porta-voz proletário.

Jequitinhonha: o Vale da miséria

Em um só dia o governador Francellino Pereira visitou sete cidades, numa maratona de inaugurações demagógicas em Minas Gerais. Nesta semana, a Assembléia Legislativa vai votar um pedido do governo para aumentar em 110 milhões de dólares a participação do Estado no capital da multinacional Fiat. Mas no Vale do jequitinhonha, curral eleitoral do próprio Francellino quando era deputado, a situação é de miséria.



Em torno do rio, uma das terras mais ricas e uma das populações mais pobres do país

O Vale é nosso maior produtor de lítio, berilo, turmalina, diamantes, além de possuir a maior reserva de grafita do país, em Pedra Azul, grandes jazidas de manganês, cromita, platina e urânio.

Apesar de toda esta riqueza, a grande maioria da população dos 51 municípios da região, estimada em 825 mil habitantes, convive com a fome, as doenças e a miséria. São vítimas da omissão e descaso do governo.

Terra de pouca escola e muita doença, até lepra

No município de Capelinha, por exemplo, apenas 5 das 51 professoras que lecionam, têm o curso normal. As professoras leigas, trabalhando durante um turno, ganham Cr\$ 4.600,00 por mês. Muitas crianças caminham até 6 quilômetros para chegarem à escola. No tempo das chuvas, muitos não vão ao colégio porque não têm como atravessar os rios inundados.

Em alguns municípios, como Francisco Badaró e Comercinho, o índice de mortalidade infantil chega a 150 mortes para cada mil recém-nascidos. A doença de Chagas assola todo o Vale. Na cidade de Virgem da Lapa, 15% das habitações são infestadas pelo "barbeiro", inseto transmissor da doença. A hanseníase (lepra) teve em 1981 um total de 737 ca-

sos conhecidos, significando 1 doente para cada mil habitantes. Mas a própria Divisão Nacional de Dermatologia Sanitária (DNDS) estima que o número real deve ser o dobro.

Em 1981 todo o Vale do Jequitinhonha tinha 67 médicos do serviço público, uma média de um médico para cada 12.319 pessoas. Vários municípios não tinham nenhum médico. E havia apenas 1.065 leitos, com o agravante de que 240 destes estavam concentrados em Diamantina, 106 em Guanhães e 80 em Araguaí. Apenas três cidades com 40% dos leitos existentes. A relação leito por habitante é apenas 20% do padrão mínimo mundial.

Somente 16 cidades têm rede de esgoto e 34 são abastecidas com água tratada. Na zona rural, filtros e vasos sanitários são coisas raras e em alguns locais a população é obrigada a consumir água de rios e córregos poluídos e contaminados por doenças.

Na agricultura, atrasada, impera o latifundiário

Nesta situação calamitosa de saúde e de miséria, de Cr\$ 9,5 milhões aplicados pelo INAMPS na região, Cr\$ 7,8 milhões foram para os donos dos hospitais particulares — no Vale não existe

um único hospital público. Não pode haver demonstração melhor do descaso do governo.

A agricultura, que emprega 80% da mão-de-obra existente, é praticada de forma tradicional, com baixíssima produtividade.

A distribuição da terra é um retrato um pouco piorado do que acontece em todo o país — apesar da farta e mentirosa propaganda da "reforma agrária" do governo. Os minifúndios de menos de 50 hectares representam 90,3% do total das propriedades e são responsáveis por 66% de todas as lavouras cultivadas. Mas ocupam apenas 10,5% do total. Já os latifúndios com mais de mil hectares representam apenas 1,2% do total das propriedades, mas ocupam 33,3% das terras. Dedicam-se às atividades mais lucrativas como o gado, o café e a plantação de eucalipto.

O povo de Minas quer saúde, terra, progresso

O Estado de Minas é o segundo maior colégio eleitoral do país. O PDS está jogando tudo para ver se ganha as eleições neste Estado. Gasta rios de dinheiro para fazer propaganda mentirosa e para inaugurar obras com fins eleitorais. E vai dedicar milhões de dólares para cobrir os prejuízos da Fiat. O povo mineiro, interessado em educação, saúde, terra e progresso, vai dar uma resposta merecida ao governo no dia 15 de novembro. (Pedro Veríssimo)



As crianças são as suas principais vítimas, e esesgotos, a céu aberto nos bairros pobres, o seu esconderijo preferido

Inimigo traiçoeiro mata 300 brasileiros por ano

Um inimigo astuto e perigoso, que age principalmente à noite e que causa cerca de 300 mortes todo ano, está invadindo o país. Sua atividade destruidora é responsável pela perda de 20% dos cereais. No início deste ano causou pânico em alguns bairros de São Paulo, quando cinco pessoas foram mortas por sua causa e mais de 30 internadas nos hospitais. Os generais e governantes, que se dizem preocupar tanto com a "segurança interna", não tomaram nenhuma medida eficaz contra este inimigo do povo, popularmente conhecido por rato.

A filha de 4 anos de Isaltina Muniz estava dormindo e o rato roeu a sua orelha. Isaltina, mãe de sete filhos e moradora da favela da Vila Praia, zona sul de São Paulo, conta que não levou a filha ao médico e "o rosto da menina ficou todo inflamado". O paraibano Francisco de Assis dos Santos mora no barraco ao lado de Isaltina e também é obrigado a conviver com uma legião de ratos. Afirma ser comum acordar à noite "com um rato em cima de mim".

Problemas como estes enfrentados por Isaltina e Francisco são comuns nos bairros de periferia e favelas. Um outro problema mais sério provocado pelos ratos são as doenças. Só um recente surto de leptospirose, doença provocada pela urina dos ratos, causou a

morte de cinco pessoas nos bairros da capital paulista. Calcula-se que em São Paulo existam de 6 a 10 ratos por pessoa. Para combater estes 80 milhões de ratos existem somente 97 funcionários.

Uma das causas deste espantoso número de ratos é o desleixo da prefeitura para com os bairros. O lixo sempre atrai estes roedores "e a prefeitura não faz a limpeza", afirma José Feitosa, líder da favela Vila Praia. Maria Dalva, sua esposa, explica que os gatos não deram solução, pois "são preguiçosos e têm medo dos ratos".

COMO ACABAR COM OS RATOS

O meio para acabar com os ratos, a leptospirose ou qualquer epidemia infecciosa "é ter água encanada e esgoto, canalizar os córregos e solucionar o problema da moradia". Quem afirma isto é o médico Gilberto Natalini, da Associação Popular de Saúde. Gilberto acrescenta que a única medida tomada pelo governo no surto da leptospirose foi colocar os doentes isolados no Hospital Emílio Ribas. "Não tomam nenhuma medida de prevenção da doença".

No Brasil existe uma média de três ratos por pessoa, ou seja, 360 milhões de ratos. Nos Estados Unidos esta média é seis vezes menor. Segundo uma pesquisa feita pelo Departamento de Agricultura norte-americano, os prejuízos causados por cada rato atingem 10 dólares

anuais, cerca de 1.500 cruzeiros.

No mundo todo, 45 milhões de toneladas de alimentos são destruídos pelos ratos, segundo a FAO, órgão da ONU responsável pela alimentação. A Organização Mundial de Saúde (OMS) mostrou que só a quantidade de alimentos destruídos pelos ratos nos Estados Unidos, daria para alimentar todo o continente africano. Durante a idade média, em cinco anos morreu um terço da população da Europa (43 milhões de pessoas) devido à peste bubônica, outra doença provocada pelos ratos. Por todos estes males, os peritos da OMS reunidos em Genebra, em 1975, consideraram o rato como o inimigo número um da saúde. (Domingos Abreu)

Tem trabalhadores comendo rato seco

O médico Pedro Augusto Timbó, secretário da saúde de Fortaleza, acha que uma das formas de acabar com os ratos é comê-los. Uma proposta destas, que no mínimo causaria repugnância para os estômagos mais fracos, já vem sendo praticada por grupos de pessoas do Vale do Ceará-Mirim, no Rio Grande do Norte.

A região é a maior produtora de açúcar do Estado e é comum encontrar na comida cotidiana dos canavieiros a carne de rato. Logo após a colheita da cana, quando a maioria das famílias fica sem trabalho e sem dinheiro para a alimentação, é a época da caça aos ratos.

Numa caçada, o lavrador chega a matar de 10 a 15 ratos, usando paus e pedras. Os roedores são esfolados, limpos e postos para secar ao sol. Em 1970, época de grande seca, Severino Ferreira da Silva se alimentava à base de ratos. Dizia ele que estava preocupado com a diminuição destes animais porque uma espécie de formiga vermelha estava devorando as ninhadas de rato.

A difícil guerra entre homens e ratos

Uma das preocupações do homem é descobrir novos meios de matar ratos. Francisco de Assis, da favela Vila Praia, não tinha dinheiro para comprar veneno e achou um método prático, mas bastante perigoso. "Moi vidro no meio da comida e dei pros ratos. Agora eles começam a morrer". Mas o método mais simples e seguro de exterminá-los continua sendo a ratoeira.

O uso de venenos nem sempre é eficiente. Quando um rato ingere a isca com veneno e morre na hora, os outros associam a sua morte com a presença da isca e fogem. Para evitar este problema, foi lançado em 1952 um raticida anticoagulante, que mata o rato por hemorragia interna, só depois de 10 dias de ingerido. Mas foi notado mais tarde o aparecimento de ratos com resistência genética a este tipo de veneno. O agricultor

Emílio Leminski, de Apiaí, interior de São Paulo, mata ratos em grande quantidade colocando latas de 20 litros com água enterrada no chão. Os ratos costumavam passar pelo caminho e "à noite eles vinham e caíam dentro".

Mas os ratos também dão o troco. Em um casebre de Palmares, Pernambuco, eles atacaram duas crianças que dormiam, devoraram seus cérebros e roeram seus braços e pernas. Geralmente as crianças são as maiores vítimas destes roedores. Na favela do Setor Universitário em Goiânia, o menino Gilberto Vieira, de dois anos, ficou com o corpo coberto de feridas devido as mordidas dos ratos.

Em Alagoas, uma criança morta foi deixada sobre a mesa até o dia seguinte à espera do caixão de defunto. Para surpresa

dos pais, no outro dia, metade do rosto havia sido comido pelos ratos. Para o professor João Moogen de Oliveira, calcula-se que 300 pessoas são mortas no país anualmente, vítimas dos ratos.



Gilberto, ferido pelos ratos



Crianças andam uma hora até a escola; as professoras ganham 4.600 por mês



Arroz apodrece em Goiás

Cinco milhões de sacas de arroz estão apodrecendo fora dos armazéns no médio-norte de Goiás. O arroz foi comprado pela Comissão de Financiamento da Produção, e está apodrecendo por falta de local de armazenagem.

Na cidade de Porangatu, a Companhia de Armazéns e Silos de Goiás mantém, na última semana de abril, em seu

armazém, cerca de 800 toneladas de arroz ao relento. E diariamente cerca de 60 caminhões ficam esperando para descarregar mais arroz no local.

A situação causa sérios transtornos para os camioneiros, que ganham pouco e têm que ficar de plantão no local. Os carregadores, tam-

bém explorados, estão trabalhando 12 horas por dia para dar conta da tarefa, ganhando apenas Cr\$ 70,00 por hora. E enquanto o arroz apodrece em Goiás, em todo o país grande parcela da população passa fome ou tem dificuldade para comprar alimentos, sempre caros.

(Da sucursal)